

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
INSTITUTO DE MATEMÁTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

**ELISÂNGELA DE BARROS PEREIRA MORAES**

**[TRANS]VER O MUNDO... ITINERÁRIOS NARRATIVOS DE ESTUDANTES  
DA PÓS-GRADUAÇÃO NA ÁREA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

Campo Grande - MS

2024

ELISÂNGELA DE BARROS PEREIRA MORAES

**[TRANS]VER O MUNDO... ITINERÁRIOS NARRATIVOS DE ESTUDANTES  
DA PÓS-GRADUAÇÃO NA ÁREA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat), Instituto de Matemática, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (INMA/UFMS), junto à linha de pesquisa "Formação de Professores e Currículo", como requisito para o título de Mestra em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Klinger Teodoro Ciríaco

Campo Grande - MS  
2024

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Klinger Teodoro Ciríaco (UFSCar- INMA/UFMS)  
Orientador

---

Prof. Dr. Thiago Donda Rodrigues (CPAR/UFMS)

---

Profa. Dra. Telma Romilda Duarte Vaz (CPNV/UFMS)

Dedico este trabalho a todos que não deixam de sonhar, que caminham em busca da realização dos seus sonhos, que acreditam que buscam e realizam!

## AGRADECIMENTOS

À Deus por se fazer presente em todos os momentos de minha vida e por guiarme, amparar-me, não deixando com que desistisse de meus sonhos;

À minha filha Maria Alice, por acreditar em mim e sempre encorajar-me a continuar, pelo melhor café da vida nos momentos frente ao computador, pela frase dita nos momentos de desânimo: "*Mãe você consegue!*". Agradeço até pelos puxões de orelhas: "*Mãe você precisa escrever!*" ou ainda: "*Mãe... toma água!*";

Ao meu filho Nicolas, que dá motivos para continuar todos os dias, por seus abraços calorosos, pelo seu: "*Eu te amo Mãe*", quando mais precisava ouvir, pelas vezes que abria a porta do quarto somente para perguntar se estava bem ou precisava de algo;

Ao meu esposo Sérgio, pela paciência nos momentos de ausência, por ser companheiro nas horas de estudo, até lendo os textos para mim, por seu amor, dedicação e incentivo e cafezinhos que aqueciam o meu coração;

À minha mãe Maria (Dulce) que, mesmo simples, nunca tendo estudado sempre me incentivou e orou por mim;

À minha sogra Maria, por todo incentivo e palavras de encorajamento durante esse processo;

À minha irmã Terezinha, que mesmo sem entender o que fazia sempre dizia, "está corrida, é dos seus estudos não é mana";

À minha diretora Wânia e coordenadoras Paula e Bruna, pelo apoio e dispensas para que eu pudesse cumprir as disciplinas;

Aos meus amigos/as pelo carinho;

À minha amiga Elizia Aguiar que, mesmo não nos vendo com frequência, sempre foi minha incentivadora e torceu muito por mim, minha amiga/irmã;

À minha amiga Ana Júlia, que segurou por mim muitas barras, reuniões, encontros, dizendo sempre: "*Amiga o mestrado é sua prioridade*";

A todo o pessoal da Pastoral Familiar, pela compreensão das minhas ausências e pelas orações;

À minha amiga irmã Marcielli, que sempre me incentivou, pelos cafés de última hora, pelos abraços e orações;

À minha amiga Alda, que sempre me incentivou a continuar;

Às amigas Sandra e Gessica, colegas de profissão que sempre me apoiaram nessa caminhada;

À Isa, filha do coração que, mesmo longe, lá do Rio de Janeiro sempre esteve comigo, até puxando a orelha quando eu desanimava e falava em desistir;

Aos professores do PPGEducMat que fomentavam as discussões e reflexões que fizeram diferença nesse processo;

Ao meu Grupo de Estudos MANCALA pelos momentos vividos, experiências compartilhadas, aprendizagens, amizades;

Aos amigos que o mestrado me deu Carolina, Lenita, Luciene e Maiko, vocês que me deram força desde o início, fizeram diferença na minha caminhada até aqui;

À minha primeira orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática **Profa. Dra. Carla Mariano** que sempre incentivou nos momentos que quis desistir, me lembrando de que o mestrado era meu sonho: Gratidão!

Ao meu professor, mestre e amigo **Prof. Dr. Klinger Teodoro Ciríaco** por nunca desistir de mim, por acreditar, por caminhar comigo, por ser inspiração, por sempre dizer: "*Amorinha estamos juntos!*";

À Banca Examinadora: Prof. Dr. Thiago Donda Rodrigues (UFMS/CPAR) Profa. Dra. Telma Vaz (UFMS/CPNV), por aceitarem compor a banca e contribuir para nosso trabalho;

Gratidão a todas as pessoas pela oportunidade de chegar até aqui e saber que posso seguir, pelo crescimento pessoal e profissional: **MUITO OBRIGADA!**

*É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...*

*Paulo Freire*

MORAES, Elisângela de Barros Pereira. **[Trans]ver o Mundo... Itinerários narrativos de estudantes da pós-graduação na área de Educação Matemática** 2024. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Matemática da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – INMA/UFMS. Campo Grande-MS. 2024.

## RESUMO

A pesquisa em tela encontra-se vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), junto à linha de pesquisa "Formação de Professores e Currículo" e integra parte da produção do "MANCALA – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Cultura e Formação Docente" (CNPq). O objetivo geral visou analisar percepções de mestrandos na área de Educação Matemática acerca do processo de escrita acadêmica. O trabalho refere-se a uma investigação, inspirado na perspectiva pós-estruturalista, que se vale do método narrativo do sociólogo alemão Fritz Schütze para compreender a biografia dos narradores: estudantes de pós-graduação da região Sudeste do Brasil. Para este fim, o referencial teórico valeu-se do campo da pesquisa narrativa como prática de formação, a qual articula-se com as histórias de vida dos colaboradores. Em termos metodológicos, a narrativa constituiu-se fonte principal de produção de dados a partir de passos fundamentais para o tratamento e análise das informações coligidas, a saber: 1. Transcrição detalhada das gravações e registro dos apontamentos realizados após a gravação; 2. Análise formal do texto ou diferenciação do tipo de texto; Descrição sequencial da estrutura; 4. Abstração analítica; 5. Comparação contrastiva; 6. Construção de um modelo teórico. Nesta direção, entrevistamos uma mestra, uma mestranda e um mestrando de Programas de Pós-Graduação na perspectiva de [Trans]Veremos o Mundo da pesquisa acadêmica em suas biografias narradas. Assim, o estudo intentou demarcar o percurso e caracterizar quem são as pessoas que dedicam parte de sua vida à produção científica com investigações em Educação Matemática, ao passo que pudemos verificar suas trajetórias de vida em formação a partir da pesquisa narrativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa narrativa; Pós-Graduação; Educação Matemática.



MORAES, Elisângela de Barros Pereira. **[Trans]see the World... Narrative itineraries of postgraduate students in the area of Mathematics Education.** 2024. 98f. Dissertation (Master's in Mathematics Education) – Mathematics Institute of the Federal University of Mato Grosso do Sul Foundation – INMA/UFMS. Campo Grande-MS. 2024.

### **ABSTRACT**

The research on screen is linked to the Postgraduate Program in Mathematics Education (PPGEduMat) at the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS), along with the research line "Teacher Training and Curriculum" and is part of the production from "MANCALA – Study and Research Group on Mathematics Education, Culture and Teacher Training" (CNPq). The general objective aimed to analyze the perceptions of master's students in the area of Mathematics Education regarding the academic writing process. The work refers to an investigation, inspired by the post-structuralist perspective, which uses the narrative method of the German sociologist Fritz Schütze to understand the biography of the narrators: postgraduate students from the Southeast region of Brazil. To this end, the theoretical framework used the field of narrative research as a training practice, which is articulated with the life stories of employees. In methodological terms, the narrative constituted the main source of data production based on fundamental steps for the treatment and analysis of the information collected, namely: 1. Detailed transcription of the recordings and recording of notes made after the recording; 2. Formal analysis of the text or differentiation of the type of text; 3. Sequential description of the structure; 4. Analytical abstraction; 5. Contrastive comparison; 6. Construction of a theoretical model. In this sense, we interviewed a master's student, a master's student and a master's student from Postgraduate Programs from the perspective of [Trans]Seeing the World of academic research in their narrated biographies. Thus, the study attempted to demarcate the path and characterize who are the people who dedicate part of their lives to scientific production with investigations in Mathematics Education, while we were able to verify their life trajectories in formation through narrative research.

**KEYWORDS:** Research; Mathematics Education; Narrative.

**LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1.</b> Registro de meu primeiro ano do Ensino Fundamental.....	15
<b>Figura 2.</b> Curso de Formação de Docentes (2005).....	16
<b>Figura 3.</b> Registros do Curso de Formação de Docentes.....	17
<b>Figura 4.</b> Registro do ano seguinte da nossa chegada a Naviraí.....	20
<b>Figura 5.</b> A UFMS <i>Campus</i> Naviraí (passado/presente).....	21
<b>Figura 6.</b> Meu ingresso na Universidade (Calourada).....	22
<b>Figura 7.</b> Grupo de trabalhos na Universidade.....	23
<b>Figura 8.</b> Aulas de "Fundamentos e Metodologias de Matemática".....	24
<b>Figura 9.</b> Colação de Grau Licenciatura em Pedagogia (Turma 2017).....	26
<b>Figura 10.</b> Minha família e eu na colação de grau.....	27
<b>Figura 11.</b> Início de minha carreira docente.....	28

**LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1.</b> Forma de ordenação da biografia dos entrevistados.....	74
---	----

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	13
1.1 É preciso Transver o Mundo.....	13
1.2 Dos objetivos da investigação.....	30
1.3 A narrativa como fonte de produção do conhecimento e o método de Fritz Schütze.....	30
1.4 Hipótese acerca das dificuldades com a pesquisa.....	34
1.5 A ética na pesquisa.....	36
1.6 O contexto de produção das narrativas fruto desta dissertação.....	36
Capítulo 1.....	41
“O menino que carregava água na peneira”.....	41
2. Análise Formal do texto.....	42
2.1 Trajetória de Luís.....	43
2.2 Análise da Estrutural da Narrativa de Luís.....	47
2.3 Abstração analítica e análise do conhecimento da narrativa de Luís.....	48
Capítulo 2.....	55
“A apanhadora de desperdícios”.....	55
3.1 Trajetória de Helena.....	56
3.2 Análise da Estrutural da Narrativa de Helena.....	58
3.3 Abstração analítica e análise do conhecimento da narrativa de Helena.....	60
Capítulo 3.....	66
“É Preciso Transver o Mundo”.....	66
4.1 Trajetória de Júlia.....	66
4.2 Análise Estrutural da Narrativa de Júlia.....	68
4.3 Abstração analítica e análise do conhecimento da narrativa de Júlia.....	68
Capítulo 4.....	73
<i>A CONSTRUÇÃO DO MODELO TEÓRICO.....</i>	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	95

# INTRODUÇÃO

## 1.1 É preciso Transver o Mundo

*É Preciso Transver o Mundo*  
*A expressão reta não sonha.*  
*Não use o traço acostumado.*  
*A força de um artista vem de suas derrotas.*  
*Só a alma atormentada pode trazer para a voz um*  
*formato de pássaro.*  
*Arte não tem pensa:*  
*O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.*  
*É preciso transver o mundo.*  
*Isto seja:*  
*Deus deu a forma. Os artistas desformam.*  
*É preciso desformar o mundo:*  
*Tirar da natureza as naturalidades.*  
*Fazer cavalo verde, por exemplo.*  
**Manoel de Barros**

A tentativa de escrever, evoluir com uma perspectiva sobre um assunto, ter uma opinião, demanda certo conhecimento sobre o mesmo. Assim, esse papel que devemos assumir como mestrandos, doutorandos e pesquisadores nos leva a romper barreiras, conhecer limites e até evoluir enquanto pessoa [mesmo com dores, frustrações e também alegrias]. Será que essa fase é dolorida mesmo? Ou somente é a dor de sair da nossa zona de conforto e isso nem sempre é leve?

Fazendo uma breve reflexão sobre minha<sup>1</sup> trajetória, relembro desde a infância a dificuldade que sempre tive para estudar por ser de uma família muito simples, tinha somente materiais básicos como o lápis, a borracha, um caderno e muita... mas muita... vontade de aprender/estudar!

Por conta de mudança de cidade e, de estado na verdade, meus pais resolveram voltar, no ano de 1990, para nossa terra natal: Nova Londrina (PR). O motivo para isso não o foi feliz (falecimento de um cunhado), para assim ficarmos mais perto da minha irmã (agora viúva com três filhos ainda pequenos). Por causa disso, perdi alguns anos de estudo, morávamos em Castanheira (MT) e viemos embora para Nova Londrina (PR), meus pais, muitos humildes e da roça, por falta de instrução não solicitaram nenhuma

---

<sup>1</sup> Assumo, neste trabalho, a escrita [ousada] em primeira pessoa por trata-se de uma pesquisa narrativa (talvez até no entrecruzar das histórias uma pesquisa autobiográfica também).

documentação da escola. Eu, com 10 anos à época, fui para uma escola na nova cidade e iniciei, novamente, o primeiro ano do Ensino Fundamental. Assim, seguia com vontade de aprender e, apesar dos anos perdidos, isso não me abateu. Na sala de aula estava à frente dos outros alunos, sofria por ser a maior da sala, mas tinha a vantagem de ser sempre a ajudante da professora. Refletindo sobre isso agora, acredito que aí nascera o sonho de ser professora, minha inspiração foi ela: Terezinha. Foi minha professora no primeiro e segundo ano. Ela ensinava com muita dedicação e isso encantava, tornou-se uma amiga, até muitos anos depois continuamos a ter contato.

Nas aulas de Matemática, o que me encantava era quando a professora trazia o material dourado. Um dos recursos que me lembro dessa época, que a professora sempre trazia para as aulas de Matemática, aguçando nossa curiosidade e despertando a vontade de aprender.

A **Figura 1** refere-se à uma festa junina na escola. Na época dançamos quadrilha. Era comum acontecer festas neste período do ano na escola (fator ainda recorrente na escola contemporânea). Eu, apesar de tímida, participava de todas. Além de participar da dança, lembro que ajudava na decoração da escola, gostava muito dessa parte... fazer as flores, balões, enfim. A professora sempre me incluía para ajudar na decoração, em todas as comemorações que a escola realizava.

**Figura 1.** Registro de meu primeiro ano do Ensino Fundamental.



**Fonte:** Acervo pessoal (1990).

Tive bons professores, pacientes, não tão dinâmicos como alguns dos dias de hoje, mas me inspiraram a buscar um sonho: **o de um dia me tornar uma professora!**

O sonho de ser professora veio dessa época! Sonho este, aparentemente, distante para aquele período de minha vida, mas que esteve vivo no coração! Muitas coisas aconteceram, desisti de estudar após ter me casado aos 15 anos de idade, no ano de 1995, no momento cursando o quinto ano do Ensino Fundamental. Em 2003, retomei os estudos, agora com minha filha com quatro anos de idade e em idade escolar. Aproveitei a oportunidade, pois morávamos em fazenda e, assim, teria de acompanhar ela até a escola todos os dias, isso porque iria de ônibus escolar e o trajeto era longo, pois passava por várias fazendas até chegar à cidade, não me recordo exatamente quantos quilômetros, mas levava cerca de uma hora e meia até que chegasse à escola.

Na ocasião, optei pelo Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA) na tentativa de adiantar um pouco e diminuir o tempo perdido de escolarização. Consegui, em 2004, concluir o Ensino Fundamental dessa forma e, no ano seguinte, iniciei o Ensino Médio no Curso de Formação de Docentes, antigo Magistério, na escola estadual Ary João Dresch, C E-EF M N Profis, na minha cidade natal, Nova Londrina, interior do Paraná, o qual cursei até a metade do segundo ano. Já estava na fase do estágio obrigatório, observando na Educação Infantil.

**Figura 2.** Curso de Formação de Docentes (2005).



Fonte: Acervo pessoal (2005).

A **Figura 2** ilustra um momento especial que vivenciei com minhas três colegas de curso. Os grupos de estudos à época eram compostos por nós quatro.

**Figura 3.** Registros do Curso de Formação de Docentes.



Fonte: Acervo pessoal (2005).

Na **Figura 3**, eu com uma das professoras do curso e com os colegas de turma. Tempo de grandes aprendizados, reflexões e eu cada vez mais perto de meu sonho!

As Figuras 2 e 3 ilustram alguns momentos do curso de Magistério, lembranças que ficaram e levarei para sempre comigo, iniciava ali minha trajetória, interrompida, mas não esquecida, na busca pela docência como profissão, pois tinha a certeza que seria uma educadora um dia.

Já cursando o segundo, de quatro anos do curso, comecei a ter problemas no casamento após decidir estudar. Antes era uma esposa, mãe, dona de casa, que ainda auxiliava nos serviços da fazenda, como ordenhar vacas, vacinas no gado, trabalhos com cavalo e trator. Desenvolvia tudo como o meu esposo à época. Quando resolvi retomar os estudos, o casamento (que já não era tão bom para os dois lados) foi se desgastando, com discussões e brigas desnecessárias. Então, houve a separação, de início tranquila, mas após algumas tentativas de volta por parte do ex-marido que, não correspondido, "perdeu a cabeça" embriagado adentrou minha casa e agrediu fisicamente a mim, destruindo todos os móveis da residência onde morava com nossa filha.

Depois do fato, fiz a denúncia, mas por receio, medo e aconselhada por parentes e amigos, decidi mudar de cidade uma semana após o ocorrido. Sabemos que existe uma lei para este tipo de caso, mas também que, por vezes, a vítima nem sequer faz a denúncia.

A Lei Nº. 11.340, sancionada em 7 de agosto de 2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, estabeleceu o marco da história da luta de violência doméstica e familiar contra a mulher no Brasil, teve como principal avanço fazer com que a violência



doméstica contra a mulher deixasse de ser considerada crime de menor poder ofensivo afastamento a conversão de pena privativa de liberdade em pena restritiva de direitos na modalidade de multa e prestação pecuniária como a única sanção (Brasil, 2006).

A mulher é amparada pela Maria da Penha, mas é necessário que se faça cumprir, através da denúncia, pois a vítima de violência doméstica, às vezes, até chega a denunciar o agressor, mas acaba não levando adiante temendo a própria vida.

De acordo com a referida Lei, no Art. 2º: "Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social" (Brasil, 2006).

Dito isso, retomando o ocorrido, acredito que o simples fato de me ver fazendo algo por mim o incomodou. Ouvi, por vezes, que mulher casada não tinha que estudar, que era motivo para sair de casa, que poderia conhecer outra pessoa e se interessar, coisas do tipo. Como menciona Adichie (2015, p. 30) "Ensinamos as meninas a se encolher, a se diminuir, dizendo lhes: você pode ter ambição, mas não muita. Deve almejar o sucesso, mas não muito. Senão você ameaça o homem". O sucesso que almejava era o sonho de me tornar professora, ter uma profissão, fato que o fez sentir-se ameaçado.

Não sei de onde veio à coragem, decidi que continuaria e assim o casamento acabou. Me casei muito nova, tinha apenas quinze anos de idade, como mencionei anteriormente nesta introdução, atrasada nos estudos quando casei estava no quinto ano do Ensino Fundamental, antiga quinta série.

Naquela época não tinha apoio nem familiar, pois até por questões de cultura, nossos pais acreditavam que casamento era para a vida toda, principalmente quando se tinha filhos. Na ocasião tinha minha filha com sete anos de idade. Mesmo uma menina de fazenda, humilde e muito tímida, eu acreditava que mulher poderia fazer sim o que ela quisesse, inclusive (**E PRINCIPALMENTE!**) estudar!

Em 2006, mudei de minha cidade natal, Nova Londrina (PR), para Naviraí, interior de Mato Grosso do Sul (MS), com minha filha, na época com sete anos de idade. Como dito anteriormente, passei pela separação e, a partir daí, comecei a ter problemas com meu ex-marido que não aceitava o fato de não estarmos mais juntos, chegando a me agredir fisicamente (infelizmente!). A partir dessa ocorrência, resolvi, então, mudar da cidade, deixando ali meus sonhos, minha família, pai, mãe e irmãos.

[...] percebe-se os desafios que recaem sob sua permanência, alguns grupos de mulheres além de enfrentarem o machismo, sexismo e a misoginia ainda se deparam com problemas estruturais que vão do racismo a marginalização socioeconômica, o que transforma sua estabilidade e sua continuidade na mesma em uma realidade ainda mais distante e dificultosa (Maslowski; Martins, 2023, p. 28).

Assim, apenas com roupas na mala e minha filha pequena cheguei a Naviraí (MS), no mês de setembro do ano de 2006, para tentar uma nova vida, sem muitas perspectivas, pois nem ao menos tinha concluído o Ensino Médio. Eu sabia que procurar trabalho não seria nada fácil! Contudo, consegui um emprego, na época em um supermercado da cidade, sendo zeladora e lavadeira na casa dos donos do mercado em dois dias da semana. Com o tempo, fui aprendendo outras funções no mercado e passei a trabalhar na loja de roupas que tinha em seu interior, mas continuava na limpeza, terminando passava o restante do tempo atendendo na loja. Algum tempo depois, surgiu uma vaga de operadora de caixa e, como eu havia tido a oportunidade de aprender também, pois ficava no horário de almoço das outras funcionárias, deram a chance de eu ir para essa função, assim deixei de ser a zeladora e passei a ser caixa do supermercado, no ano de 2008.

Não queria parar de estudar, mas infelizmente aqui (refiro-me neste ponto ao município de Naviraí) não tinha o mesmo curso, somente Universidade privada, fazendo com que eu fosse obrigada a adiar o sonho.

Concomitante a toda a vivência laboral relatada, logo que cheguei em Naviraí (MS) fui me informar e fiquei sabendo que não poderia continuar o curso de Magistério deixado para trás (não haviam transferências para tal modalidade). Fiquei chateada, mas não desisti, fui até uma escola do município para me informar e fazer a matrícula na perspectiva de findar o Ensino Médio e foi assim que conheci o diretor que comentou sobre uma prova realizada no final do ano que daria a oportunidade de concluir o Ensino Médio. Não só me falou, mas também emprestou vários livros para que pudesse estudar para a prova. Optei, então, por fazer e comecei estudar. Ao chegar a data fiz a prova, na verdade dois dias de provas, consegui, assim, concluir o Ensino Médio, aproximando-se um pouco mais de meu sonho. Contudo, o desejo de iniciar o Ensino Superior foi adiado por não conseguir conciliar estudo e trabalho, sendo minha filha ainda pequena, com sete anos de idade em 2006. À época meus horários de trabalho eram bem puxados e quase não tinha tempo para ela, se fosse estudar a noite ficaria todo tempo longe de mim, me vi obrigada, então, a "esperar".

Essa espera, infelizmente, torna-se muito mais comum do que pensamos quando o discurso e a realidade se trata do sexo feminino. A mulher vê-se "obrigada" a esperar. Uma espera para várias questões que, desde pequena, em uma sociedade machista e excludente a coloca em segundo plano em prol de um "bem-estar" de todos. Foi assim que me senti!

Por vezes, adiei o sonho, mulher sozinha, com uma filha pequena para criar, educar, assistir, amar... Sempre a coloquei antes de qualquer coisa, não entendia naquela ocasião que estudando daria melhores condições de vida para ela. A falta de oportunidade, de melhores condições de trabalho e, até mesmo, o preconceito de uma sociedade sexista, machista e excludente em que ainda hoje o patriarcado é colocado à frente da mulher, em vários aspectos da vida, fui vencida temporariamente... não ETERNAMENTE!

**Figura 4.** Registro do ano seguinte da nossa chegada a Naviraí com minha filha.



Fonte: Acervo pessoal (2007).

A **Figura 4** ilustra eu e minha filha um ano após termos nos mudado para a cidade de Naviraí. Nessa época, trabalhava no comércio, ainda não havia iniciado a graduação.

Com o passar dos anos, em 2008, casei novamente! Fruto dessa união, em outubro do ano de 2010, tive o segundo filho. Nesse período era feliz, mas faltava algo, algo que ficara para trás quando desisti do sonho da Universidade. Continuava trabalhando no comércio, não mais no mercado, agora em uma loja da cidade, iniciei como vendedora e algum tempo depois operadora de caixa. Ainda tinha a vontade de cursar uma faculdade. Então, em novembro de 2012 fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), inscrevi-me no Sistema de Seleção Unificada (SISU) e consegui classificar em 16º lugar para o

curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS, *Campus Naviraí*, CPNV<sup>2</sup>).

Esse *campus* surgiu com o processo de expansão do Ensino Superior, meta do programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) estabelecidas pela UFMS durante os Governos Lula e Dilma, do Partido dos Trabalhadores (PT). O estudo de Sales et. Al. (2019), analisou pesquisas que avaliaram impactos do REUNI no desenvolvimento e aperfeiçoamento da Educação Superior. Para os autores, a implementação do Programa trouxera benefícios relacionados a "[...] inclusão, em especial de estudantes negros e oriundos de escola pública, aumento de vagas e de cursos, além do aumento da produção científica" (p. 674). O estudo apresenta indícios da ampliação do acesso à grupos sociais não contemplados e contribuições no desenvolvimento regional por meio da interiorização das Universidades públicas, como aconteceu com a UFMS.

Assim, o sonho de ser professora foi se tornando realidade! Adentrei o *campus* pela primeira vez em 2013 com o coração acelerado, uma mistura de sentimentos, alegria, ansiedade, medos, enfim.... agora a mulher-mãe-trabalhadora chegou ao território tão esperado para escrever sua história!

---

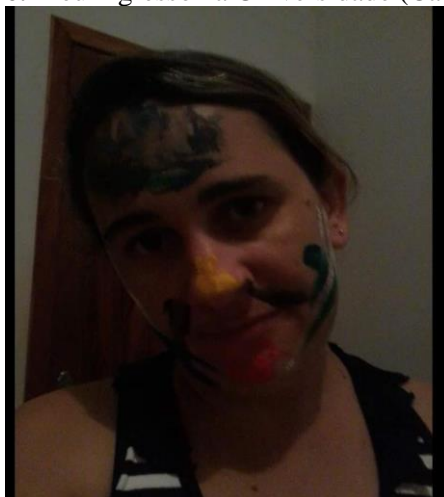
<sup>2</sup> Conforme especificado no Artigo 1º, do Decreto 6.096/2007, o REUNI tem, por objetivo: Criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas Universidades federais.

**Figura 5.** A UFMS *Campus Naviraí* (passado/presente).



Fonte: Site do CPNV/UFMS (<https://cpnv.ufms.br/>).

**Figura 6.** Meu ingresso na Universidade (Calourada).



Fonte: Acervo pessoal (2013).

A **Figura 6** representa meu ingresso na Universidade, tem um significado bem relevante para mim. Trata-se da recepção de calouros, quando fui recebida juntamente com a turma de ingressos de 2013.

Na ocasião do ingresso na UFMS/CPNV, meu filho estava com dois anos de idade. Ausentei-me, por muitas vezes, mas tentava compensar em outros momentos, tendo sempre o apoio de meu esposo e minha filha mais velha para cuidar do pequeno.

Ali só tive mais certeza ainda de minha escolha! Tive ótimas/os professoras/es, mestras/es, amigas/os que só contribuíram para minha formação profissional e pessoal.

Se encontrei dificuldades? Várias! Mulher! Esposa! Mãe! Trabalhadora!

Em uma sociedade machista como a nossa, uma mulher, esposa e mãe que decidir cursar uma Universidade, para alguns é ousadia. Ainda mais para uma região onde o agronegócio, infelizmente, "reina" e que a visão das pessoas está arraigada na cultura da produção que serve ao capital.

O universo da pesquisa, autoras/es, trabalhos, eventos mexia com a vida e estrutura dessa futura professora. Adentrar a Universidade pública brasileira, encarar essa realidade, entre outras funções não foi nada fácil, mas a vontade de estudar falava mais alto e, então, vamos lá!

Aquele primeiro ano da graduação foi um dos momentos mais difíceis para mim, afastada dos bancos escolares há certo tempo, agora retomar a vida de estudante, trabalhos da faculdade, estudar para as provas, ler textos e mais textos, parecia que eu não era daquele mundo. A cada disciplina, cada etapa concluída, cada professor que cruzava meu caminho, o desejo pelo conhecimento aumentava. O contato com a pesquisa, produção, foi esplêndido. Trabalhos em grupo, fazer parte de grupos de pesquisa e extensão. Enfim... um mundo de descobertas e realizações! Amizades, companheirismo e muito conhecimento nos foram proporcionados nesses anos de faculdade.

A **Figura 7** representa muito para mim, esse era nosso quarteto, grupo de trabalho que perdurou por todo o curso de graduação. Amigas para a vida.

**Figura 7.** Grupo de trabalhos na Universidade.



Fonte: Acervo pessoal (2015).

Tratava-se de dois momentos marcantes na licenciatura. Disciplinas estas ministradas pelo professor orientador da dissertação em tela, **Prof. Dr. Klinger Teodoro Ciríaco**, "Infância e Sociedade" e "Fundamentos da Alfabetização, Língua e Letramento para a Infância I". Durante os anos que estive na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), pude realizar grandes conquistas: apresentação de trabalhos em eventos, integrar diversos projetos, os quais somaram para o saldo de "transver" meu mundo. Mundo este antes no campo imaginário e, agora, com a Universidade, no campo das possibilidades e realidades!



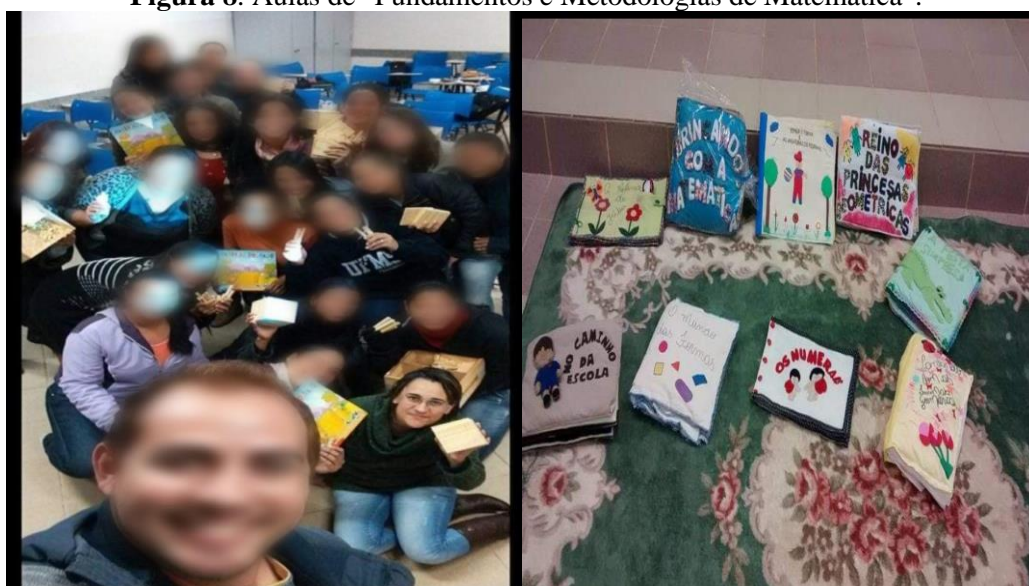
Foram muitas experiências durante quase cinco anos de Pedagogia, devido a uma greve no meio do caminho. Greve esta que ocorreu no período de 2015 e buscou, dentre as pautas elegidas para discussão, pensar a reestruturação da Carreira do Docente do Magistério Superior e a incorporação dos benefícios ao salário de nossas/os professoras/es, luta muito justa e apoiada por todas nós estudantes do *campus*.

O término da greve foi no dia 13 de outubro de 2015, voltando assim às aulas normalmente. As/Os professoras/es e servidoras/es reivindicaram um aumento de 27,3% de salário para compensar as perdas com a inflação nos últimos cinco anos. Elas/es também cobraram do governo melhores condições de trabalho, reestruturação da carreira e mais investimentos no Ensino Superior.

Com a finalização da greve nas federais do Brasil, no ano de 2015, deparo-me com a disciplina de "**Fundamentos e Metodologias do Ensino de Matemática**", me encantei com as formas de ensinar, com a possibilidade de ensinar Matemática a partir de jogos, brincadeiras, realmente essas eram práticas encantadoras para mim.

Esse contato com uma "nova" Matemática despertou muito interesse, vi que é possível que a criança goste de Matemática, tudo depende da forma com que ela [a área do conhecimento] é apresentada. Recordei-me da minha infância e em uma dessas aulas, que o professor **Klinger Ciríaco** nos apresentou o material dourado, aquele mesmo de anos atrás, hoje com novas propostas de como explorá-lo em sala de aula como recurso manipulável.

**Figura 8.** Aulas de "Fundamentos e Metodologias de Matemática".



Fonte: Acervo pessoal (2015).



As imagens evidenciam processos de tarefas das aulas da disciplina de "Fundamentos da Matemática" e livros de pano produzidos durante a disciplina (2015). As aulas eram encantadoras que só despertavam, ainda mais, o desejo de estar em sala de aula como professora que um dia ensinaria Matemática às crianças.

Então, chegou a hora de escrever, o tão temido Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Tratava-se de uma investigação, de cunho qualitativo, em que buscava compreender a relação de uma família homoparental com a escola. Tive o impulso em falar, pesquisar sobre o tema após, no estágio obrigatório, ter vivenciado uma situação de preconceito com uma criança da sala por ser a mesma filha de duas mães.

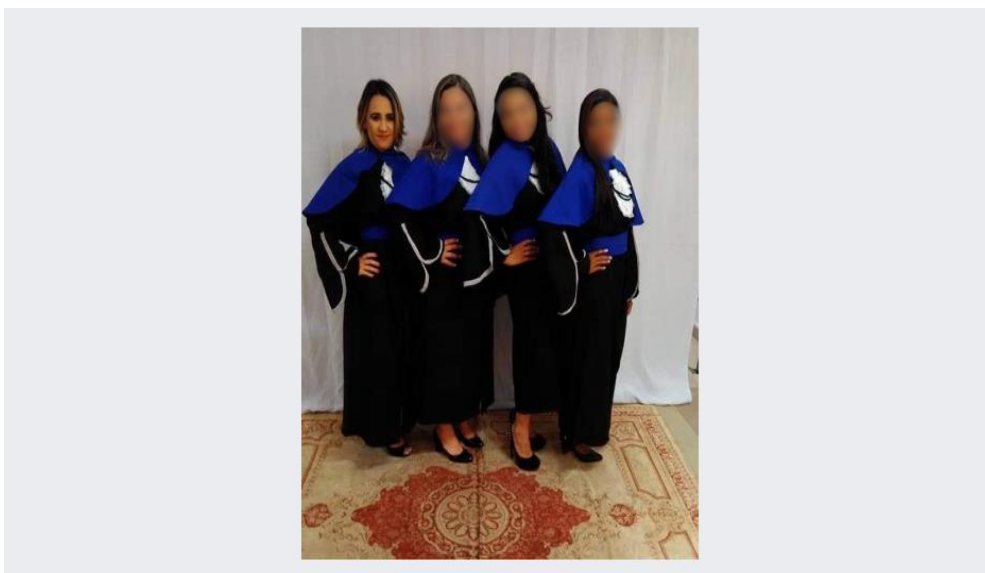
Neste trabalho, o qual foi publicado em um periódico B1<sup>3</sup>, fui orientada pelo Prof. Dr. Klinger Teodoro Ciríaco, que não foi só um orientador, mas um mestre incrível! Viajamos juntos para fazer a entrevista na cidade de Ilha Solteira (SP), justamente porque no mapeamento que fizemos pelas redes sociais, localizamos um casal de homens que haviam adotado duas crianças. Voltamos pelo caminho rindo, ouvindo a entrevista e comemorando aquela conquista! Pesquisar um tema nunca antes pesquisado naquele *campus* foi, para nós dois, um desafio que ensinou muito! No momento da elaboração do TCC, meu mestre-guia foi para outro país, correndo atrás de seus sonhos, fazer Doutorado Sanduíche em Portugal na Universidade de Lisboa (ULisboa). A distância não impediu a orientação e, mesmo de longe, ele me guiou e para a defesa, cá estava ao meu lado dando força e passando a calma que eu precisava naquele instante.

E... assim... para surpresa de alguns que diziam que mulher casada não deveria estudar, lá estava eu, casada, mãe, trabalhadora, formando em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPNV, no ano de 2017, com muito orgulho!

---

<sup>3</sup> PEREIRA, E. B.; CIRÍACO, K. T. Relação família homoparental-escola: o que acontece quando dois homens adotam crianças? **Perspectivas em diálogo: revista de educação e sociedade JCR**, v. 7, p. 248-279, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/8081/7264>.

**Figura 9.** Colação de Grau Licenciatura em Pedagogia (Turma 2017).



Fonte: Acervo pessoal (2017).

As imagens são da Turma de 2013/2017, colação de grau, dia muito especial para nós.

**Figura 10.** Minha família e eu na colação de grau.



Fonte: Acervo pessoal (2017).

A **Figura 10**, também no dia da colação de grau, estávamos (da esquerda para direita) meus filhos, minha irmã, mãe, eu e esposo, um dia inesquecível que comemoramos juntos, pois estiveram comigo em todos os momentos da Universidade.

Com o término da graduação, ingressei na carreira docente somente em 2019, por falta de oportunidade, pois não conseguia pontuação necessária para ser contratada na rede pública de ensino local, uma vez que tempo de serviço era um requisito maior no processo seletivo que ocorre para contratação. Iniciei no referido ano como estagiária<sup>4</sup> em um colégio da rede privada de ensino, onde atuo até o momento, mas agora como professora, a partir do ano de 2021.

---

<sup>4</sup> Nas instituições privadas locais é muito comum, embora não adequado, que se contratem profissionais já formadas como estagiárias, desde que estas estejam a cursar alguma pós-graduação lato sensu. Como estava em uma especialização, consegui a oportunidade.

**Figura 11.** Início de minha carreira docente.



Fonte: Acervo pessoal (2019).

O registro fotográfico da **Figura 11** representa um momento muito importante da minha vida, primeira oportunidade, mesmo como estagiária, poder estar em sala era muito gratificante. Haviam espaços-tempos em que ficava sozinha com as crianças, era o momento do "soninho" e, após acordarem, nestes instantes, sempre fazia alguma brincadeira ou a leitura de um livro até que a professora retornasse à sala.

Atualmente, quando do momento da escrita deste texto (2024), estou na rede privada, atuando como Psicopedagoga no período matutino e vespertino.

O sonho de estar no mestrado me acompanha, desde o término da graduação, e a decisão por uma Pós-Graduação na área da Educação Matemática veio através de uma dificuldade do meu filho em aprender Matemática. Resolvi adentrar nesse mundo da<sup>5</sup> Educação Matemática e, entre uma tentativa e outra, cá estou, trilhando esse caminho, ora doloroso, ora prazeroso, uma mudança brusca... que hoje materializá-la mais um sonho realizado!

Entre disciplinas e a elaboração do projeto, deparei comigo mesma e minha dificuldade na escrita. Mas, e aí, seguir, parar... adiar novamente outro sonho...

Nesse caminho, tive dificuldade no processo, pois inicialmente entrei com uma orientação, depois, por diversos motivos, principalmente por identificação com a própria temática, tive de optar por uma troca de orientador. Com isso, foi necessário ir por outros caminhos, assim fiz de minha dificuldade um novo caminho a seguir: falar agora sobre a dificuldade na pesquisa que mestrandos vivenciam na fase da escrita de suas dissertações a partir da pesquisa narrativa.

Decidi enfrentar essa dificuldade escrevendo! Isso mesmo.... Escrevendo sobre as próprias dificuldades! Seria isso um recomeço, uma nova chance, um novo impulso? Talvez!

Isso trouxe um caminho diferente de outros, pois através da dificuldade houve um processo de reflexão que outras pessoas, de repente, possam estar passando, ainda mais porque ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat/UFMS) em um contexto de pandemia<sup>6</sup>, a qual trouxe muitos desafios e resultou, no caso do Brasil, em um saldo de mais de 700 mil mortes confirmadas e, como consequência, a saúde mental de vários profissionais, dentre eles professoras como eu, tornou-se uma implicação séria.

Agora, desde 2022, dando-me as mãos novamente, meu mestre-guia Prof. Klinger Teodoro Ciríaco assumiu a orientação da presente dissertação. O desafio agora é a escrita, a pesquisa, a construção, a caminhada rumo a qualificação e defesa!

Entre tantas/os autoras/es que tivemos contato nesse primeiro ano do mestrado, algumas leituras marcaram mais, outras nem ao menos consegui entender direito. Mas o mundo da Educação Matemática é único e desafiante.

Um mundo novo, muitas informações ao mesmo tempo, precisamos mudar hábitos, criar outros e abdicar-se de tantos. A dedicação é fundamental nessa fase e isso é crucial para se chegar ao resultado esperado.

Assim, com as dificuldades na articulação dos referenciais teóricos com a linha de pesquisa com a qual ingressei no programa, quanto também o processo de escrita acadêmica, denotando a necessidade, inicialmente pessoal, de perceber se essas dificuldades também são evidentes para outros estudantes, além da pesquisadora aqui em questão, surgiu um novo projeto de investigação.

Dito isso, a pesquisa materializada nesta dissertação, agora aqui estruturada como relatório de investigação, teve como foco analisar percepções de mestrandos na área de Educação Matemática acerca do processo de escrita acadêmica. Para este fim, a pesquisa narrativa foi adotada como elemento central de produção de dados.

---

<sup>6</sup> A COVID-19 é uma doença causada por um tipo de coronavírus, que leva o nome de SARS-CoV-2. Ele pertence à família de vírus de mesmo nome que causa infecções respiratórias e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Outros sintomas menos comuns e que podem afetar alguns pacientes são: perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor de garganta, dor de cabeça, dores nos músculos ou juntas, diferentes tipos de erupção cutânea, náusea ou vômito, diarreia, calafrios ou tonturas.

## 1.2 Dos objetivos da investigação

O objetivo geral consistiu em analisar percepções de mestrandos na área de Educação Matemática acerca do processo de escrita acadêmica.

Os objetivos específicos foram:

- Verificar motivações para o ingresso em cursos de mestrado;
- Identificar as dificuldades e formas de superação decorrentes do processo de inserção em programas de pós-graduação *stricto sensu*; e
- Identificar os fatores dificultadores e facilitadores encontrados pelos mestrandos na elaboração de textos acadêmicos na área de Educação Matemática.

Logo, para atingi-los, recorreremos ao método da entrevista narrativa em um movimento contínuo de [Trans]Ver o mundo pelo olhar de pós-graduandos.

## 1.3 A narrativa como fonte de produção do conhecimento e o método de Fritz Schütze

Segundo Bruner (2002, p. 46), "[...] uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores". Mariani e Mattos (2011, p. 20) definem pesquisa narrativa como "[...] uma forma de entender a experiência [...]", ou seja, é um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. A pesquisa narrativa pode ser descrita como uma metodologia buscando histórias sobre determinado assunto ou tema, assim o investigador irá encontrar informações para entender o assunto a ser pesquisado. Várias são as técnicas para se obter essas histórias: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, entre outros.

Para Passeggi e Gaspar (2012, p. 2):

Atualmente, escrever sobre o que se faz e o que se sente tornou-se um recurso de pesquisa para analisar o cotidiano e a prática profissional. No âmbito da educação, as narrativas autobiográficas compõem um método de construção do conhecimento que fundamentam a reflexão do fazer pedagógico e a re-significação da própria ação.

Através das nossas vivências, histórias, conseguimos enxergar o caminho a seguir.

As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém pesquisadores em suas comunidades (Clandinin; Connelly, 2011, p. 27).

A narrativa está presente na vida de cada indivíduo, nas instituições e nas relações sociais. Para Bruner (1990), é uma forma de utilizar a linguagem. Dentro da pesquisa narrativa existem abordagens diferentes, nossa abordagem é a partir da busca de sentidos e experiências das pessoas, especificamente pós-graduandos da área da Educação Matemática.

Nesta leitura interpretativa do campo das narrativas, destacamos a presença do sociólogo alemão Fritz Schütze que, nos anos de 1970, desenvolveu um método de geração e análise de dados narrativos, este conhecido como "Entrevista Narrativa". Sua principal característica é a exploração de narrativas "improvisadas", ou seja, relatos que o entrevistado produz sem a interrupção do entrevistador. O método aplica-se aos estudos biográficos (Entrevista Narrativa Autobiográfica). No mesmo, o entrevistador solicita que o entrevistado conte sua história de vida e, somente ao final, faz perguntas específicas.

Na análise da investigação que desenvolvemos, os dados foram tratados a partir do método de Fritz Schütze que envolve seis etapas:

1. Transcrição detalhada das gravações e registro dos apontamentos realizados após a gravação: esta etapa é o momento da reprodução do material em áudio ou vídeo, onde o pesquisador realiza o trabalho assistindo o vídeo ou ouvindo as gravações sempre com o cuidado de redigir com fidelidade o conteúdo;

2. Análise formal do texto ou diferenciação do tipo de texto: fase que se inicia após a descrição do material das biografias, ela permite a identificação de partes da narrativa, assim como suas estruturas no tempo, exige atenção a cada detalhe, pois desvelam a vida dos entrevistados, em ordem de acontecimentos e o objetivo aqui é recriar as trajetórias de cada um em separado, podendo, assim, identificar cada perfil, evidenciando informações relevantes sobre fatos da vida de forma temporal;

Os segmentos formais das biografias foram separados em material indexado do não indexado.

As proposições indexadas têm uma referência concreta a 'quem fez o que, quando, onde e porque', enquanto que proposições não-indexadas

vão além dos acontecimentos e expressam valores, juízos e toda forma de uma generalizada 'sabedoria de vida' (Bauer; Gaskell, 2002, p. 106).

A análise formal das narrativas dos portadores da biografia corresponde apenas ao material indexado. Nesta etapa, "[...] os elementos indexados da narrativa foram extraídos das narrativas em seu estado puro e ordenados em seguimentos formais de acordo com critérios de temporalidade, ciclos de vida ou outros aspectos que indicam o encerramento de um ciclo e início de outro" (Vaz, 2018, p. 195).

3. Descrição sequencial da estrutura: aqui acontecem as evidências das condições da narrativa, cada episódio, momentos importantes, situações relevantes, mudanças das etapas, planos, enfim pontos culminantes da narrativa de cada indivíduo. Neste momento, deve interpretar aos fatos narrados, bem como está acontecendo essa construção da narrativa por parte do narrador;

4. Abstração analítica: nesse momento do processo Schütze (2011) acredita que deve ocorrer o distanciamento do pesquisador dos dados observados na narrativa. Dessa forma, pode construir uma biografia como um todo levando em consideração cada etapa da vida dos entrevistados, com o objetivo de verificar o caminho percorrido e os principais acontecimentos, a abstração analítica é a "[...] comparação entre os elementos das narrativas buscando identificar o autoentendimento do informante (construção da biografia)" (Vaz, 2018, p. 53).

5. Comparação contrastiva: etapa da comparação dos dados, ou seja, aqui vamos comparar a trajetória dos entrevistados que nos foram relatadas no decorrer das narrativas. Essa comparação tem como objetivo analisar os casos e situações reveladas na análise da entrevista inicial e, assim, permite abstrair mais a fundo essas análises; e

6. Construção de um modelo teórico: é referente ao último passo das etapas propostas por Fritz Schütze, objetiva estabelecer o modelo que tenha surgido da análise com base na trajetória de cada entrevistado e sua biografia.

De acordo com Schütze (1992, p. 8-9), é por meio da:



[...] narração [...] de certas fases e episódios da vida [...], o narrador exprime uma ordem e estrutura de identidade básica para a sua vida que é vivida e experienciada até o momento e que se expande em direção ao futuro que está por vir. A expressão narrativa da própria vida lida não apenas com eventos externos que ocorrem com o indivíduo, mas também com as mudanças internas que a pessoa deve enfrentar ao experienciar, reagir, moldar (e até parcialmente produzir) esses eventos externos. E reconhecendo, através da narração [...] como alguém se sentiu ao experienciar os eventos externos é um primeiro passo para o indivíduo equacionar a contínua construção e transformação de seus estados internos e sua importância para a estrutura da identidade da história de vida em desenvolvimento.

Partindo do fato de que este trabalho de pesquisa envolve o campo das narrativas e da Educação Matemática, entendemos o potencial da pesquisa narrativa como uma prática de formação e também, assim como diz Schütze (1992), uma forma de localizar e compreender os sentidos e as experiências atribuídas pelas pessoas a determinada época da sua vida, neste caso uma época específica que é o contexto de uma formação na pós-graduação.

Nessa fase da iniciação da Entrevista Narrativa, o entrevistador apresenta uma "questão gerativa", que estimula uma narração extemporânea. Em nossa pesquisa, a questão geradora da narrativa foi: **"Você poderia comentar como foi o seu processo de inserção no programa de pós-graduação e quais dificuldades centrais você tem percebido do seu ingresso até aqui?"**

Segundo Vaz (2019, p. 63):

O tema gerador da pesquisa deve ser amplo para que o sujeito informante tenha condições de desenvolver uma história longa, que transite a partir de situações iniciais, por acontecimentos passados até o contexto atual. Por fim, o pesquisador não deve oferecer informações sobre datas, lugares e nomes.

A ideia é que a pessoa entrevistada sinta-se à vontade para relatar fatos importantes e significativos de sua vida ao entrevistador, sem perguntas fechadas, mas como um relato espontâneo.

A análise qualitativa se caracteriza por buscar uma apreensão de significados na fala dos sujeitos, interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual (teoria) do pesquisador, trazendo à tona, na redação, uma sistematização baseada na qualidade, mesmo porque um trabalho desta natureza não tem a pretensão de atingir o limiar da representatividade (Fernandes, 1991).

Vaz (2019, p. 10) destaca ainda a importância da entrevista narrativa, bem como do cuidado que o pesquisador deve ter nessa fase da pesquisa:

Uma vez realizadas as entrevistas narrativas, é fundamental que se proceda a transcrição das biografias. Para isso é importante que o pesquisador realize uma escuta cuidadosa e a transcrição rigorosa das entrevistas audiogravadas. Durante a transcrição das biografias, deve ser tomado o cuidado de pontuar cada frase de acordo com o tom da narrativa para não correr o risco de se perder o sentido daquilo que foi narrado e da intenção de cada inferência. Por isso, recomenda-se que o pesquisador tenha sempre em mãos um caderno de anotações no qual deve fazer um registro de tudo que acontecer durante o processo da entrevista, a fim de que esse material seja útil no momento da transcrição, lembrando detalhes como o momento da entrevista em que, por exemplo, uma porta se abriu, alguém interrompeu, houve um momento de descontração ou emoção, etc.

A entrevista deve ser preservada na íntegra, tal como relatado pelo entrevistado, até por uma questão ética por parte do entrevistador, demonstrando, assim, a seriedade da pesquisa.

No campo da Educação Matemática, a pesquisa narrativa vem crescendo nos últimos anos.

[...] temos identificado o quanto o uso das narrativas vem ganhando espaço nas pesquisas em Educação Matemática, principalmente no campo da formação docente. Possivelmente, esse interesse crescente seja decorrente da importância dada à historicidade, aspecto marcante das narrativas, tanto como prática pedagógica, quanto como abordagem potencial para a compreensão de práticas sociais relativas à Educação Matemática (Nacarato; Passos; Silva, 2014, p. 701).

O autor Fritz Schütze é pouco recorrente na área da Educação Matemática. Em nosso grupo de investigação, temos nos aventurado ao diálogo e interlocução com os escritos do autor. Neste entendimento, nosso trabalho terá um viés fundamental em sua perspectiva de "ver", ou "melhor" [Trans]Ver o mundo, utilizando a entrevista como principal método de produção de dados.

#### **1.4 Hipótese acerca das dificuldades com a pesquisa**

É compreendendo que grande parte do público que busca ingressar em Programas de Pós-Graduação na área da Educação Matemática é professora/professor, podemos dizer que o fato de ingressar em programa de pós-graduação possibilita um contato com

a pesquisa situada sobre a prática educacional e, conseqüentemente, para estes estudantes ingressar em um curso de mestrado e/ou doutorado torna-se, também, um espaço de formação continuada. Nesta compreensão, sem dúvida, as aprendizagens da/o pesquisadora reverberam sua prática como professora/o.

Segundo legados de Paulo Freire (1997), ensinar é uma atividade humana que exige a compreensão da realidade, diálogo, reflexão sobre a prática, pesquisa, curiosidade, tolerância, alegria, ética e estética, humildade e mais, a convicção de que a mudança é possível. Dessa maneira, a pesquisa retroalimenta o ensino a partir do perfil da formação do professor reflexivo. Professor mais próximo da pesquisa, acertadamente, poderá ter mais chances de ser mais reflexivo, alguém que produz conhecimento.

Segundo Gatti (2016, p. 5):

Há conhecimentos que estão na base de ações que podem trazer melhores condições de acesso a bens sociais valorizados, conhecimentos que são relevantes socialmente e que têm conotações específicas em ambientes diversificados. Nesse âmbito entram em jogo os processos educacionais, lembrando que não se trata apenas e estritamente de conhecimento advindo das ciências ou de conhecimento instrumental, mas, de um conjunto mais amplo de meios de construção de compreensões que possibilitam viver melhor.

Por muitas vezes, o contato que o professor tem com pesquisa ocorre somente no momento da graduação e, após, acontece um distanciamento da mesma, voltando assim a ter contato quando ingressa em uma pós-graduação. Essa situação pode ser umas das causas da dificuldade no momento da escrita de uma dissertação, por exemplo.

Ainda sobre a formação docente, Gatti (2016, p.7) destaca que:

Na formação continuada, oferecida sob várias condições, ou procurada em vários contextos pelos próprios professores, é que estes tentam encontrar novos caminhos e mais fundamentos e meios para seu desempenho profissional. Nem sempre esta formação se acha disponível, nem sempre ela é adequada.

A falta de valorização do professor, a falta de incentivo e, até de oportunidades, pode ser a causa dessa distância entre o professor e a pesquisa. Muitos são os casos de professores que se formam e "estacionam", nem ao menos procuram um curso de aperfeiçoamento, mas não cabe aqui "culpabilizar" este profissional, mas sim tentar entender os seus motivos para isso.

## **1.5 A ética na pesquisa**

Outro ponto importante que necessita ser evidenciado quando estamos em um movimento de Trans[Ver] o mundo, é sobre a ética na pesquisa, que muitos desconhecem e acabam por serem negligentes neste ponto. O que deve ser repensado numa pesquisa? Como usar os dados que conseguiu? Até que ponto vou expor o entrevistado? Entre outros cuidados que, às vezes, na ânsia de conseguir alcançar os objetivos da pesquisa o pesquisador não se atenta à essa parte, são questionamentos recorrentes e relevantes quando estamos situados no campo da produção do conhecimento.

As pesquisas científicas são realizadas com rigor, ética, procedimentos metodológicos e matrizes teóricas específicas. Usualmente, quem as desenvolve são pesquisadores, cientistas, profissionais de diferentes áreas do conhecimento, que têm interesse em investigar, de forma mais profunda e sistemática, um tema específico e responder questionamentos que emergem, 2 na maioria das vezes, do contexto profissional. Muitas pesquisas científicas estão relacionadas a cursos de graduação e de pós-graduação vinculados a instituições acadêmicas (Del-Masso; Cotta; Santos, 2014, p. 1).

Desde a opção do tema, ou ainda, dos instrumentos de produção de informações, exigem que o pesquisador assuma um compromisso com a verdade e respeito com aqueles que nele confiam suas opiniões, depoimentos, entrevistas, olhares sobre a prática, enfim... seus modos de Trans[Verem] o mundo/a vida. De modo igual, deverá acontecer com a análise dessas informações, neste momento o pesquisador deve ter muito cuidado e ser ético.

Na fase da publicação da pesquisa, esse cuidado também deve existir, pois seus resultados têm muitas implicações no que se refere a omissão e/ou divulgação. O consentimento para o que se expõe é princípio-base em trabalhos investigativos, principalmente no campo da narrativa por estarmos situados no entre - lugar das subjetividades dos sujeitos.

## **1.6 O contexto de produção das narrativas fruto desta dissertação**

Nossa busca pelas entrevistadas e entrevistado ocorreu por conta de participamos de um grupo de pesquisa, o "MANCALA – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Cultura e Formação Docente" (CNPq/UFSCar), e no mesmo existem

sujeitos de três regiões brasileiras (Norte, Centro Oeste e Sudeste), devido a um critério de temporalidade utilizamos como principal método a própria adesão e o convite a participação voluntária feita dentro desse grupo de pesquisa interinstitucional.

Com o mapeamento no referido grupo, conseguimos três pessoas que estavam em momentos diferentes desse processo, umas delas, a **Júlia**<sup>7</sup> havia concluído o mestrado na área da Educação Matemática, as outras, sendo a **Helena** e o **Luís** estavam em vias de defesa dos seus cursos de mestrados, ambos da região Sudeste.

O texto da dissertação no momento em que se apresenta na etapa da defesa e indexação junto às bases de dados oficiais de repositórios inspira-se, dado o processo de sua estrutura, na perspectiva pós-estruturalista. Seu caráter não convencional de escrita e que busca romper com metanarrativas (uma delas aqui fortemente refutada é a de que o trabalho acadêmico tem que se fazer dentro de "caixinhas", primeiro com capítulos teóricos e, posteriormente, com descrição e análise de dados).

De modo não convencional, este trabalho busca romper com a visão fragmentada de construção do conhecimento científico em teses e dissertações. Vida é movimento, movimento é vida, Educação Matemática se faz em movimento e no movimento da vida! Logo, a pesquisa em Educação Matemática e seus contribuintes (aqui entendidos como aquelas e aqueles que pesquisam na área) têm sentimentos, desejos, sonhos, frustrações e uma vida fora da academia, a mesmo que, por diversos motivos, os trouxeram à pós-graduação.

Sendo assim, a perspectiva pós-estruturalista nos auxiliou a ver, buscar, nos deparar com outros caminhos e possibilidades metodológicas que, de certo modo, infringem os procedimentos e metodologias que, até então, tínhamos como dados a fixos e eternos.

Esse movimento argumenta que um indivíduo é composto de uma série de conhecimentos e contradições, que não representam um "eu", mas um agrupamento de características como gênero ou seu trabalho.

Desse modo o Pós-estruturalismo, como perspectiva epistemológica e metodológica, tem nos lembrado constantemente de que podemos sair do aprisionamento, da fixidez, do essencialismo metodológico, e tem nos mobilizado a buscar, a encontrar novos modos de fazer pesquisa em educação. Já é possível suspeitar das práticas e dos saberes instituídos e dos sentidos produzidos pelos conceitos fixos e estáveis; já é possível

---

<sup>7</sup> Os nomes das participantes e do participante são fictícios e foram escolhidos por elas e ele. Assim, inserimo-nos nos princípios éticos da pesquisa em Educação.

desnaturalizar o que se apresenta como natural e absoluto e estranhar o que se apresenta como familiar e normal. Para dizer de outra forma, a pesquisa nessa perspectiva faz-nos trilhar caminhos diferentes dos estabelecidos, faz-nos resistir a práticas e saberes que se colocam como permanentes, a sentidos que se apresentam como fixos, a tempos e espaços que parecem lineares demais (Tedeschi; Pavan, 2017 p. 13).

Dito isso, buscamos estruturar o relatório de pesquisa em capítulos. Após a introdução, que demarca questões relacionadas a trajetória da pesquisadora [hoje Mestra em Educação Matemática pela UFMS], desde a infância escolar até o presente momento. Os três primeiros capítulos, subsequentes, serão apresentados em uma estrutura dissertativa-descritiva que compõem o grupo dos cinco primeiros passos da entrevista narrativa de Fritz Schütze, individualmente<sup>8</sup>. E, no último capítulo, antes das considerações finais, apontamos reflexões que se aproximam da Construção do Modelo Teórico que, transversalmente, perpassou as narrativas das entrevistadas e do entrevistado.

Assim, nos próximos capítulos, apresentaremos a história de cada um seguindo essa ordenação temporal dos fatos que são relevantes para atingir o objetivo geral e os específicos dessa pesquisa.

O Capítulo 1 trata-se de **Luís**, que expõe uma história de superação, amor e dedicação. Intitulado "**O Menino que Carregava Água na Peneira**", em analogia ao poema de Manoel de Barros, os escritos expressam a primeira biografia.

O Capítulo 2 explora a vida de **Helena** em "**O Apanhador de Desperdícios**", poema este, também de Manoel de Barros, é possível compreendermos os itinerários e decisões da mestrandia.

Por fim, o Capítulo 3, chegamos em "**É Preciso Transver o Mundo**", espaço-tempo destinado às reflexões acerca da biografia de Júlia.

Em síntese, como já mencionado, a presente pesquisa tem a pretensão de compreender sentidos e experiências atribuídas pelos estudantes de pós-graduação, que têm investigações de mestrado na área da Educação Matemática, acerca de suas dificuldades com a pesquisa. Então, para este fim, o trabalho teve como método principal a entrevista narrativa do sociólogo alemão Fritz Schütze. A pergunta geradora da narrativa foi: "**Você poderia comentar como foi o seu processo de inserção no programa de**

---

<sup>8</sup> Transcrição detalhada das gravações e registro dos apontamentos realizados após a gravação; 2. Análise formal do texto ou diferenciação do tipo de texto; Descrição sequencial da estrutura; 4. Abstração analítica; 5. Comparação contrastiva.

**pós-graduação e quais dificuldades centrais você tem percebido do seu ingresso até aqui?".**

E aí, vamos juntas e juntos descobrir o que **Luís, Helena e Júlia** têm a nos dizer?

Nunca é tarde!

---





## Capítulo 1

“O menino que  
carregava água na  
peneira”

*O menino que carregava água na peneira  
Tenho um livro sobre águas e meninos.  
Gostei mais de um menino  
que carregava água na peneira.  
A mãe disse que carregar água na peneira  
era o mesmo que roubar um vento e  
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.  
A mãe disse que era o mesmo  
que catar espinhos na água.  
O mesmo que criar peixes no bolso.  
O menino era ligado em despropósitos.  
Quis montar os alicerces  
de uma casa sobre orvalhos.  
A mãe reparou que o menino  
gostava mais do vazio, do que do cheio.  
Falava que vazios são maiores e até infinitos.  
Com o tempo aquele menino  
que era cismado e esquisito,  
porque gostava de carregar água na peneira.  
Com o tempo descobriu que  
escrever seria o mesmo  
que carregar água na peneira.  
No escrever o menino viu  
que era capaz de ser noviça,  
monge ou mendigo ao mesmo tempo.  
O menino aprendeu a usar as palavras.  
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.  
E começou a fazer peraltagens.*

*Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.  
 O menino fazia prodígios.  
 Até fez uma pedra dar flor.  
 A mãe reparava o menino com ternura.  
 A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!  
 Você vai carregar água na peneira a vida toda.  
 Você vai encher os vazios  
 com as suas peraltagens,  
 e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!*

**Manoel de Barros**

## **2. Análise Formal do texto**

Essa etapa do texto é primordial do método de Fritz Schütze, aqui desempenha um papel essencial para a compreensão das experiências dos participantes. É nesta fase que o pesquisador precisa se concentrar na estrutura e organização das narrativas construídas durante a primeira fase do estudo.

A análise formal procura elencar elementos narrativos próprios, como tempos verbais, recursos linguísticos utilizados pelos participantes. Essa interpelação objetiva revelar a estrutura narrativa implícita e padrões de linguagens evidentes nas falas de cada indivíduo.

Schütze salienta a importância dessa análise ao enfatizar que "[...] a estrutura formal da história é de importância central para a compreensão do significado do caso" (Schütze, 1983, p. 287). Assim, a análise formal do texto proporciona uma aprofundada compreensão da estrutura da narrativa e seus aspectos que formam as histórias individualmente, sendo possível compreender experiências e significados dos envolvidos.

A epígrafe que abre a seção deste capítulo refere-se a um poema de Manoel de Barros, (1916-2014), foi um dos principais poetas contemporâneos. Autor de versos nos quais elementos regionais se conjugavam a considerações existenciais e uma espécie de surrealismo pantaneiro, o Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em Cuiabá, Mato Grosso, no dia 19 de dezembro de 1916.

Na adolescência estudou em colégio interno na cidade de Campo Grande-MS, época em que escreveu suas primeiras poesias. Kursou Direito na Universidade do Rio de Janeiro, onde se formou em 1941. Em seguida, viajou para a Bolívia e o Peru. Conheceu Nova Iorque e era familiarizado com a poesia modernista francesa.

A partir de 1960 passou a se dedicar a fazenda da família no Pantanal, onde criava gado.

Sua consagração como poeta se deu ao longo das décadas de 80 quando recebeu o "Prêmio Jabuti" com a obra "O Guardador de Águas" (1989).

Tal como no poema descreve-se a história de um menino que realizava peraltagens e seria um grande escritor, que as pessoas iriam amá-lo por suas peraltagens com as palavras. Percebemos, em uma análise estrutural do conteúdo da narrativa de **Luís**, a primeira personagem da história dessa dissertação, questões que nos remetem à esse poema em analogia a sua história.

Para este fim, com enfoque estruturado na perspectiva das narrativas, da biografia a partir da fundamentação de Fritz Schütze, este capítulo se dedica a apresentar a biografia de **Luís**.

## 2.1 Trajetória de Luís

**Luís**, nascido no dia 23 de maio de 1998, na cidade de Tavapi, Paraguai.

Quando no momento da entrevista, em 2022, **Luís** tinha com 25 anos de idade e estava prestes a defender sua dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", FCT/UNESP, Presidente Prudente (SP).

**Luís** inicia sua narrativa nos contando, desde sua infância, experiências escolares, familiares, enfim um pouco da sua história com foco maior na trajetória escolar.

Foi alfabetizado no idioma Guarani, idioma oficial de parte dos grupos étnicos indígenas do Brasil. Além disso, devido sua educação [intercultural] também aprendeu o idioma castelhano, uma variante da língua espanhola falada em países da América Latina. Sua família permaneceu no Paraguai até seus doze anos de idade, até o ano de 2010.

**Luís** narra que sua mãe sempre o incentivou a estudar, mesmo sem terem "boas" condições financeiras e ela nunca ter estudado, sempre fez questão de destacar a importância dos estudos para seus filhos. Assim, devido ao incentivo materno, se dedicou muito a estudar, desde pequeno.

Sua mãe teve a ideia de mudar para o Brasil, primeiro para ficarem próximos do avô e, logo também, para que ele [à época criança] pudesse ter melhores oportunidades para estudar. Ela, conforme relata **Luís**, não tinha noção de todas essas contribuições e os incentivos que existiam [e existem] no Brasil, mas sabia que a educação talvez fosse

melhor, os incentivos, segundo ele, foram superiores aos do Paraguai. Apesar de não ter reclamações quanto ao estudo de seu país de origem.

Então, vieram para o Brasil no ano de 2010, ele com doze anos de idade, ingressou no 8º ano do Ensino Fundamental. Conta sobre essa transição e que o incentivo dos professores também ajudou muito, em complementação com o apoio dos colegas. Neste instante, lembrou com muito carinho de uma professora que nunca se esquecerá, a de Língua Portuguesa, tinha também um professor de Matemática. Segundo **Luís**, esses dois professores o incentivaram bastante.

Contou-nos também sobre algumas dificuldades que encontrou ao ingressar na escola brasileira. Uma delas, por exemplo, foi em relação à escrita, que era cursiva, diferente do Paraguai. A professora, então, passava separada, letra de forma, pois tinha dificuldades com a escrita e, com o idioma nem tanto.

Então, segundo ele, a professora auxiliou, pegou livros na biblioteca, livros usados ou livros que ela tinha guardados, que não eram mais utilizados e deu para ele fazer os exercícios. Ela não o cobrava, ou seja, era algo para além do trabalho dela, não era a obrigação dela, mas fazia com carinho, conforme relatou.

**Luís** descreveu que viu algumas gramáticas, mas era do Paraguai, da língua guarani e do castelhano, do espanhol, sobre a Língua Portuguesa não tinha essa noção. A referida professora foi uma peça importante para sua aprendizagem na língua materna brasileira e todos os professores o incentivavam. Durante a entrevista, evidenciou a relação que tinha com os professores e que isso, para ele, foi muito positivo em sua vida escolar. Deixou claro que sua relação com a Matemática foi muito positiva, segundo esclareceu [isso em suas palavras] "*mesmo sendo estrangeiro*" não teve problemas com a aprendizagem da Matemática, fator este atribuído em seus sentidos aos professores que teve na época.

Ao longo dos anos relatou que as dificuldades em relação à escrita foram diminuindo e isso sempre fala sobre os "bons" professores que teve no Ensino Fundamental.

Vem, então, o ingresso no Ensino Médio, no ano de 2013, que estudou em uma escola estadual no município de Mundo Novo, no interior do estado de Mato Grosso do Sul (MS) – região de fronteira com o Paraguai. Nessa escola, suas percepções mudaram um pouco. À época ganhou prêmio de melhor aluno, causando até certa inveja nos colegas, mas isso não o intimidava, continuava muito dedicado e aproveitando todas as oportunidades de conhecimento que tinha.

Ainda no período do Ensino Médio, **Luís** comentou que as dificuldades foram maiores. Deixa claro que não culpa os professores, acredita que o número de alunos na sala pode ser um agravante, cita que haviam salas com 60 estudantes. Acreditava ser algo mais mecânico, principalmente na questão das Exatas, como Química, a Física e a Matemática. **Luís** confia que, até Ensino Fundamental, pensava em ser professor de Matemática. No entanto, no Ensino Médio e com essas experiências negativas de aulas mecânicas e sem contextualização, digamos assim, não positivas, o fizeram repensar.

Com o término do Ensino Médio, em 2015 chegava o momento de fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Para fazer o exame **Luís** se deslocou para uma cidade vizinha, Guaíra-PR. Ao realizar a prova, após o resultado, se inscreveu no Sistema Unificado de Seleção (SISU) e foi aprovado para ingresso no curso de Licenciatura em Pedagogia, em Naviraí-MS, em uma Universidade pública federal.

Segundo ele, começava o dilema: "como fazer para ir, pois a distância entre as cidades era de, mais ou menos, 150 quilômetros". Veio a dúvida: "*viajar todos os dias ou se mudar?*". Então, no início do curso, em 2016, viajava todos os dias de Mundo Novo-MS para Naviraí-MS, por uns três ou quatro meses ele viajou no ônibus contratado pelo grupo de estudantes da região que também estudava no mesmo local.

Após esse período, **Luís** e sua mãe decidem mudar para Naviraí-MS. Assim, de acordo com seus planos, ficaria melhor para cursar a Universidade. Mesmo sem emprego, nem para ele e nem para sua mãe, se mudaram. De início, sua mãe foi trabalhar como diarista, ele a ajudava com tal ofício laboral.

Com o passar do tempo, depois que já estavam em Naviraí-MS, teve conhecimento das atividades complementares oportunizadas pela Pedagogia como, por exemplo, o campo de estágio remunerado, as ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o Programa de Educação Tutorial (PET), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), por exemplo.

Avaliando tais campos, **Luís** mencionou que se interessou pelo PIBID e PIBIC, programas que ofereciam a bolsa, além da experiência de ter experiências de reflexão sobre processos de ensino em contextos específicos de sala de aula. Então, em 2016 veio a oportunidade de estagiar. Com o estágio remunerado poderia, assim, trabalhar meio período e meio período dedicar-se aos estudos. Sob sua ótica, poderia desenvolver mais, estudar mais, etc. Também avaliou que, recebendo recursos financeiros, poderia ajudar sua mãe nas despesas de casa.

Quando abriu o processo seletivo para ingresso no PIBID, no ano de 2017, resolveu se inscrever, pois o pessoal da faculdade comentava ser muito boa tal experiência. A oportunidade de ir para a escola também o agradava muito. Inscreveu-se e foi aí que conheceu o Prof. Dr. Klinger Ciríaco (orientador desta dissertação) no PIBID, uma vez que este docente foi Coordenador de Área do referido programa entre os anos de 2014 a 2019, quando foi professor do quadro efetivo da UFMS, *Campus Naviraí*.

Iniciava, assim, a trajetória como pibidiano que, segundo **Luís**, foi de suma importância no processo de formação pessoal e profissional. Na entrevista, foi notório que sua fala, com entusiasmo, sobre o PIBID destaca as oportunidades de estar à frente do processo educativo e ministrar aulas compartilhadas, claro com cooperação.

Comentou o quanto acrescentou em sua experiência pré-profissional, como licenciado em Pedagogia. No PIBID, ficou por, mais ou menos, um ano e meio, quando o mesmo acabou. Assim, **Luís** ingressou no PIBIC mais voltado para pesquisa científica. Relatou ter sido, também este, muito importante, pois as experiências contribuíram para seu ingresso no mestrado, uma vez que as atividades científicas apresentaram-lhe maiores elementos para a produção de conhecimentos em educação, especialmente na pesquisa que desenvolveu para a formação de professores iniciantes e a Matemática.

Em meio a muitas experiências, vivências, emoções, aprendizagens... Chega, então, no ano de 2019, o momento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Em retrospectiva de sua trajetória, pensemos: **Luís** deu continuidade aos estudos se destacando entre os alunos da sala, ganhando prêmios, sendo destaque de melhor aluno e, enfim, chega à Universidade, com alguns obstáculos, mas sempre com a sua mãe ao seu lado.

A representatividade da figura materna fica evidente na narrativa de **Luís**, pois, segundo ele, ela sempre foi a sua maior incentivadora e apoiadora.

A mãe, que deixou tudo para acompanhá-lo, vindo embora de cidade, fazendo faxina em casa de famílias para sobreviver e ajudar o filho nesse caminho, rumo a tão sonhada Universidade. Por vezes, ele mesmo ajudou sua mãe nas faxinas, nos momentos em que não estava na faculdade. Até que conseguiu um estágio remunerado e, assim, poderia ajudá-la nas despesas. Passou no processo seletivo do PIBID e foi caminhando na vida acadêmica, ganhando experiência a cada evento que participava. Foi integrante, também, do PIBIC, que segundo ele o ajudou, contribuiu para o ingresso no mestrado.

**Luís**, então, em 2020, chega ao curso de Mestrado em Educação na UNESP de Presidente Prudente (SP), tendo que mudar de uma cidade da outra, mudar de estado.

Nessa nova mudança, o que já imaginamos a essa altura de sua narrativa, a mãe novamente o acompanhara na busca de mais um sonho!

Chegando no novo território, no início, veio uma oportunidade de ser bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o que veio, segundo ele, na hora certa, pois como relatou ele e a mãe foram sem terem ainda um emprego. Tratava-se de uma bolsa de apoio técnico à pesquisa de um projeto de uma das professoras permanentes do programa e que era do mesmo grupo de pesquisa que passou a integrar, ainda não era a bolsa de mestrado, mas já o ajudaria nas despesas.

Começavam os novos desafios na vida desse menino, o "*menino que carregava água na peneira*", com ajuda de sua mãe.

**Luís** evidenciou-nos algumas dificuldades na pesquisa, na ida a campo, como quando do momento da aprovação mediante ao Comitê de Ética em Pesquisa, enfim, todas as suas angústias e frustrações. Sendo assim, associamos o entrevistado, conforme havíamos anunciado desde o início deste capítulo, ao menino do poema de Manoel de Barros: "*O Menino que carregava água na Peneira*".

A dificuldade evidenciada, no decorrer do mestrado, relatada à nós não teria sido na hora da escrita, unicamente, mas sim, relacionada às questões burocráticas do Comitê de Ética, isso porque em seu projeto de investigação envolveu a formação de professores de Matemática indígenas.

Atualmente, em 2024, **Luís** percorre o caminho rumo ao título de doutor em educação, segue carregando água na peneira só que agora em outra cidade e Universidade. Com a conclusão de seu mestrado, em junho de 2022, ingressou no mesmo ano, no mês de agosto, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e segue com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa para o Estado de São Paulo (FAPESP) com estudos na área da infância indígena.

## **2.2 Análise da Estrutural da Narrativa de Luís**

A trajetória de **Luís**, na área da Educação Matemática, se inicia desde a graduação, a partir do momento em que se inseriu no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), cujo objetivo era discutir alfabetização matemática nos primeiros anos. **Luís** mencionou durante a entrevista que esse o programa fez muita diferença na sua trajetória acadêmica.

Percebemos, na narrativa de **Luís**, que ele e a Matemática sempre tiveram uma relação próxima, chegou a relatar que teve certa aversão pela Matemática no Ensino Médio, mas que tal sentimento se perdeu quando chegou à graduação, principalmente quando ingressa no PIBID, pois ali teve um contato mais direto, podendo ir para a sala de aula e vivenciar processos de organização de situações didáticas colaborativas em aulas de Matemática nos anos iniciais.

Afirma que foi privilegiado por ser bolsista desse programa, além de ter a bolsa, teve a oportunidade de ir para a sala de aula, antes mesmo de terminar a graduação, o que segundo ele lhe proporcionou experiências significativas na sua trajetória.

A origem humilde de **Luís** e o apoio incondicional de sua mãe foi outro fator que teve papel significativo na formação. A mãe o incentivou e foi além, acompanhou em suas mudanças de cidade. Deixa claro, nas falas, o orgulho que tem da mãe e o quanto é grato por todo cuidado e carinho para com ele.

Durante a entrevista, **Luís** nos falou que havia sido aprovado, no doutorado, recentemente, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Para finalizar a sua narrativa destacou ainda sobre o tratamento que teve durante o mestrado, em relação ao fato de ser licenciado em Pedagogia, por estar percorrendo os caminhos da Educação Matemática. Conta-nos que não sentiu nenhuma indiferença, por parte dos professores ou colegas. Pelo contrário, somente elogios ao trabalho e dedicação no percurso vivenciado ao longo dos dois anos de mestrado.

### **2.3 Abstração analítica e análise do conhecimento da narrativa de Luís**

**Luís** tem 25 anos, nascido na cidade de Tavapi, Paraguai, licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) e, atualmente em 2024, doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

**Luís** foi alfabetizado no idioma Guarani, também aprendeu o castelhano, mais conhecido como espanhol. Permaneceu no Paraguai até seus doze anos de idade, mudando-se para o Brasil quando do momento em que ingressou no 8º ano do Ensino Fundamental. Nessa fase, relata que teve dificuldades por conta da letra cursiva, mas que os professores o ajudaram muito. Fica evidente o quanto ele se sentiu acolhido na instituição de ensino no município de Mundo Novo-MS.



*[...] Só que ela me auxiliou, ela [a professora de Língua Portuguesa] ela pegou livros na biblioteca, livros usados ou livros que ela tinha guardado, que não era mais utilizado e me deu pra eu fazer os exercícios e ela não cobrava, ou seja, e era algo para além do trabalho dela, não era a obrigação dela e proporcionar assim, porque muitas coisas eu não vi, não é?! (Trecho da transcrição da narrativa de **Luís**).*

Ainda sobre a relação com seus professores e colegas de turma, **Luís** descreve a relação também com a Matemática e o quanto isso o ajudou na fase de mudanças. Fez toda diferença em seu aprendizado ter tal apoio, como podemos perceber:

*Então, tinha bastante relação, professor e aluno e entre os colegas, não é? entre os amigos. Então, eu achei bem interessante isso. Eu acredito que e esse é um fator positivo para pensarmos, não é? E uma experiência positiva tanto na Matemática, olha só, tanto na matemática quanto na Língua Portuguesa, não é? No meu caso especificamente por eu ser estrangeiro, ou seja, eu sou brasileiro naturalizado, no entanto, eu vim de outro país. Bom, então, a minha experiência com a Matemática foi bem positiva no Ensino Fundamental (Trecho da transcrição da narrativa de **Luís**).*

É possível perceber o incentivo da mãe para que o filho estudasse. Na narrativa vemos aspectos sobre a mudança, que sempre teve como propósito os estudos dele, fica evidente o reconhecimento em relação à dedicação de sua mãe, assim como a dedicação total dela para com o filho. **Luís** retribui sendo bom aluno.

*[...] eu pensava, eu tenho uma responsabilidade aqui. A minha mãe mudou de cidade, de país, para me proporcionar uma educação, aquilo que ela não teve por trabalhar na roça, não é? Enfim, Então e até tinha, mas por uma questão histórica o meu avô não incentivava muito, etc., etc., por ela ser mulher, falava que somente deveria ler a bula do remédio e enfim (Trecho da transcrição da narrativa de **Luís**).*

No momento da entrevista **Luís** relatou com alegria que a mãe havia retomado os estudos e que estava muito entusiasmada. Ela, que no passado não teve a oportunidade, mas que sempre incentivou os filhos a estudar, agora teria sua "chance". Através do relato dele observa-se sua alegria com a decisão da mãe em retomar os estudos.

*[...] ela está finalizando o ensino médio dela agora, não é? E tá fazendo a EJA. Na mesma escola que eu cursei o Ensino Médio e assim eu percebia que não era somente essa visão capitalista, claro, o emprego é importante, e nós precisamos do dinheiro sim, mas é essa questão de visão de mundo, de ter a mente mais aberta para o mundo (Trecho da transcrição da narrativa de **Luís**).*

Ao concluir o Ensino Médio, **Luís** fez o **ENEM** e, ao se inscrever no SISU, foi selecionado para Pedagogia na UFMS, *Campus* de Naviraí. Uma mistura de sentimentos tomou conta desse menino, medo, ansiedade, alegria, enfim. Percebemos, sua surpresa, quando revelou que nem sabia da existência desse *campus*.

*Bom, então eu fiz o ENEM essas duas vezes, uma como teste depois e fui aprovado e em pedagogia na licenciatura em pedagogia em Naviraí no Mato Grosso do Sul numa universidade federal e eu não sabia da existência, eu não sabia se era e pago, enfim, não é? Mais ou menos sabia por que está disponível lá no SISU. Então eu pensei, não, aí eu passei a pesquisar, a UFMS e vi que era uma federal, que era pública, etc. (Trecho da transcrição da narrativa de Luís).*

O fato de ser uma Universidade pública animou **Luís**, apesar da distância que era mais ou menos 150 quilômetros. Depois de muitas conversas com a mãe, resolveu se matricular e, no início, ia para a faculdade de ônibus e voltava todos os dias. Contudo, alguns poucos meses depois, resolveram se mudar para Naviraí-MS.

*A princípio eu viajei. E em média três ou quatro meses, no máximo seis meses assim eu viajei. E, no entanto, eu percebi que já falando da experiência na universidade. Eu percebi que na universidade eu fui sem conhecimento algum da existência de bolsas e das bolsas e auxílio emergencial, bolsa PIBIC, PIBID, enfim e outras... Eu não sabia. E nós fomos... Eu e a mãe com a cara e com a coragem, sem emprego, sem conhecer ninguém na cidade (Trecho da transcrição da narrativa de Luís).*

Na nova morada passa a conhecer todos os benefícios existentes na Universidade, como o mesmo disser não ter o conhecimento antes como atividades complementares, o estágio remunerado, o PIBID, o PET, por exemplo, e o PIBID e PIBIC. Então, começa a fazer estágio remunerado, podendo assim colaborar com a mãe nas despesas de casa, uma vez que ela fazia faxinas para pagar as despesas e ele a ajudava nessa tarefa.

*[...] eu já tinha feito a inscrição, mas estava aguardando. Enquanto estava aguardando, eu auxiliava a mãe. E essa pessoa me ligou a secretária de uma escola e falou, você tem que vir, mas tem que vir hoje. E era dez e meia, assim, era quase onze horas. Aí eu falei, tudo bem, não é? Eu vou, eu vou hoje. Aí eu almocei, pesquisei na internet aonde era a escola, eu não sabia, e fui e fui lá, conversei. Enfim, aí eles me deram essa oportunidade de estagiar, e nisso eu já recebia, não é? Ou seja, recebia no sentido assim, passei a estagiária, passei a receber por isso. Então, a partir disso, eu consegui trabalhar meio período e meio período dedicar aos estudos aos estudos da universidade e eu*

*percebi que e eu poderia e desenvolver mais, estudar mais, perder que hoje eu compreendo a aversão a matemática o trauma, não é? Ou enfim, as experiências negativas que eu tive no ensino médio (Trecho da transcrição da narrativa de **Luís**).*

Com o tempo de curso, saiu um edital para ingresso no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que tem como objetivo selecionar estudantes bolsistas para práticas de alfabetização matemática em escolas públicas locais. **Luís** se inscreveu, foi selecionado e entrou para o grupo. Na entrevista, é evidente a importância do programa em sua formação inicial.

*Logo, quando abriu o processo seletivo do PIBID o pessoal comentava do PIBID, da oportunidade de ir pra escola também, eu me inscrevi. Bom, e nós tivemos muitas experiências interessantes que acrescentaram porque o estágio é o não remunerado perdão era interessante. No entanto, com o PIBID, eu tive a oportunidade de estar à frente e ministrar uma aula, por exemplo, claro, em cooperação, não é? Em colaboração com a professora da sala, não é? E outras e outras pibidianas, não é? Então, eu tive essa oportunidade de em colaboração com elas, lecionar no ensino fundamental. Então, foi muito importante, eu acredito que acrescentou bastante na minha experiência pré-profissional como licenciado em Pedagogia (Trecho da transcrição da narrativa de **Luís**).*

**Luís** diz ter sido privilegiado por fazer parte do PIBID, já que as experiências contribuíram muito na construção de seu TCC.

*[...] do TCC eu gostaria de enfatizar principalmente a o PIBID e o PIBIC, uma vez que nós escrevíamos o PIBID e era aquela questão reflexão ação reflexão, por exemplo, nós estudávamos a teoria, nós íamos à prática e nós regressávamos e refletíamos sobre aquilo e publicávamos em eventos então essa escrita colaborativa, porque realmente era colaborativa entre os pibidianos, não é? Também o PIBIC auxiliou bastante a iniciação científica nessa questão da escrita TCC (Trecho da transcrição da narrativa de **Luís**).*

Para finalizar os relatos sobre a graduação, registramos a fala em que reafirma a importância dos programas PIBID e PIBIC na formação inicial.

*E acredito que em síntese da graduação é isso, foram momentos muito importantes na minha vida e eu sou muito grato ao PIBID, ao PIBIC e também ao orientador que eu tive, pois ele estava presente (Trecho da transcrição da narrativa de **Luís**).*

Quanto terminou a graduação, entrou no mestrado, na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" de Presidente Prudente - SP. Mais uma vez teria de

mudar de cidade, até de estado, trocando Mato Grosso do Sul (MS) por São Paulo (SP). Claro que sua mãe o acompanhou em mais uma mudança.

*[...] me mudar de Naviraí, do Mato Grosso do Sul para Presidente Prudente e que também e é distante, não é? Uma cidade uma cidade da outra, muda o estado, enfim. E novamente a minha mãe e me acompanha para cursar o mestrado. Então, a minha mãe e eu agradeço muito a ela, a minha mãe que ela me acompanhou, me acompanha nessa questão e me incentiva aos estudos. Bom, então ela me acompanha novamente nós e vamos sem emprego, sem assim com a cara e a coragem eu diria, não é? Ou popularmente com a "mala e a cuia" para estudar. Só que com uma consciência, não é? Já consciente da existência dessa desses incentivos e também e por estar graduado a possibilidade de trabalhar como professor (Trecho da transcrição da narrativa de **Luís**).*

**Luís**, agora mais experiente no campo da pesquisa, tinha mais conhecimento sobre os incentivos da Universidade pública, assim já tinha maior possibilidade de ingressar com bolsa. Logo que chegou foi se inteirar de tudo no novo espaço-tempo de sua vida. Relata-nos sua chegada ao mestrado e na nova morada.

*Bom, então eu tinha submetido ah o meu projeto para FAPESP, que é a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. E nisso, nesse meio tempo, não é? Eu era bolsista de apoio técnico à pesquisa a nível superior do CNPq. Bom então agora sim e novamente e eu poderia me dedicar exclusivamente aos estudos. E eu fui eu tive a o pedido, não é? Ah financiamento pela FAPESP aprovado pela FAPESP. Nesse sentido aí eu tinha certeza, não é? De que e eu tinha feito a escolha certa de acreditar nos incentivos que o Brasil oferece, não é? (Trecho da transcrição da narrativa de **Luís**).*

**Luís** se dedica aos estudos de forma bem organizada, para melhor aproveitamento do seu tempo.

*[...] todo dia eu me levanto seis horas, não é? Enfim, tomo chimarrão, tomo café da manhã e lá pras sete horas, por exemplo, eu início. Eu início e eu buscamos estudar médias cinquenta minutos. Aí eu paro um pouco e enfim, aí depois eu retorno, paro uns dez minutos, aí eu retorno. Isso até às onze, onze e meia. Eu almoço, enfim, e retorno os estudos e, por exemplo, uma e meia, duas horas da tarde até às seis horas, isso pensando na escrita, não é? Claro que esse tempo também era dedicado para e as disciplinas que eu fazia, não é? (Trecho da transcrição da narrativa de **Luís**).*

Comentou que alguns dos desafios que enfrentou na fase do mestrado, em especial com a pesquisa. Sua dificuldade não foi, particularmente, na parte da escrita, mas sim, na ida à campo, na parte burocrática que envolve a pesquisa como a aprovação mediante ao

processo de tramitação do projeto de investigação junto ao Comitê de ética Ética em Pesquisa (CEP). **Luís** menciona alguns fatos durante esse percurso. Fica claro que essa etapa foi um tanto desgastante, mas afirma não ser contra, apenas teve dificuldades com a liberação da pesquisa, enfim deu tudo certo.

*A pesquisa nesse sentido foi aprovada pelo SEP, pelo Comitê de Ética da UNESP. (...) mandei para CONEP, porque é o órgão máximo, não é? Eles retornam com outra pendência já era a questão de detalhe. (...) por fim eu arrumei tudo isso esses detalhes (Trecho da transcrição da narrativa de **Luís**).*

**Luís** faz um desabafo em relação ao tempo para a escrita do mestrado, com a burocracia, segundo ele, não há uma dedicação maior para a escrita da dissertação. Por conta do tempo, de apenas dois anos, para cumprir as disciplinas e concluir a pesquisa no total, revela essa questão em sua fala a seguir.

*Eu acho correto, no entanto, às vezes, pequenos detalhes eu acho que pode ser um desafio, não é? Para o pesquisador, uma vez que, principalmente, no mestrado. São dois anos. Um ano, digamos, para cumprimento dos créditos e o segundo ano pra sua pesquisa. E eu seguir criteriosamente. Eu só realizei as pesquisas com as entrevistas, perdão. Eu só realizei as entrevistas depois da aprovação da FUNAI, do CEP e do CONEP. Então justamente por isso pode-se e justamente por isso não, ou seja, pode ser que esse foi um fator e que eu não pude me debruçar com mais calma nas entrevistas, tendo em vista os prazos dessa questão, não é? (Trecho da transcrição da narrativa de **Luís**).*

Em suma, a trajetória de **Luís** revela certa "paixão" pelos estudos e pela Matemática. No momento da entrevista, demonstrou-se empolgado em continuar seus estudos, pois acabara de passar no curso de doutorado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), seguindo com temáticas no campo da Educação Matemática.

Fala com orgulho de ser licenciado em Pedagogia e diz que nunca teve problemas em relação a isso, tanto no mestrado quanto em disciplinas do doutorado que fez como aluno especial.

*Como aluno especial, eu percebi um respeito. Na verdade, até uma admiração por eu ser licenciado em pedagogia e me interessar por temas da Educação Matemática, não é? Ou seja, e porque nós também somos professores de matemática. Do primeiro ah ao quinto ano, mas nós é que vamos ensinar os primeiros conteúdos, os primeiros conceitos matemáticos. Então eu penso que é desde a mais tenra idade que essas crianças devem ser educadas matematicamente, conforme Ciríaco, e que seria o educar, cuidar e educar matematicamente, não é?*

*Pensando desde a mais tenra idade. Bom, então é nesse sentido. (...) Ah sobre essa questão de ser pedagogo, não é? Licenciado em Pedagogia. No, não, não vejo assim como algo que me como eu mencionei eu fui elogiado, não é? Inclusive pela banca e de qualificação do mestrado, uma professora que ela é licenciada em Matemática, ela mencionou, olha só, eu acho muito interessante seu trabalho. Primeiro pela quantidade de páginas, pela qualidade, se nota que você pode ter uma dedicação exclusiva, não é? Que você se dedicou, enfim (Trecho da transcrição da narrativa de **Luís**).*

Carregando "água na peneira", **Luís** segue no doutorado, se dedicando, pesquisando, contribuindo com a área da pesquisa em Educação Matemática, levando um pouquinho dessa paixão e incentivando outros a seguir e não desistirem de seus sonhos e deixa-nos uma lição, as pessoas poderão "nos amar por isso" pelas peraltagens.

## Capítulo 2

# "A apanhadora de desperdícios"

**O apanhador de desperdícios**

*Uso a palavra para compor meus silêncios.*

*Não gosto das palavras  
fatigadas de informar.*

*Dou mais respeito  
às que vivem de barriga no chão  
tipo água pedra sapo.*

*Entendo bem o sotaque das águas  
Dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.*

*Prezo insetos mais que aviões.*

*Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim um atraso de nascença.*

*Eu fui aparelhado  
para gostar de passarinhos.*

*Tenho abundância de ser feliz por isso.*

*Meu quintal é maior do que o mundo.*

*Sou um apanhador de desperdícios:*

*Amo os restos  
como as boas moscas.*

*Queria que a minha voz tivesse um formato  
de canto.*

*Porque eu não sou da informática:  
eu sou da invencionática.*

*Só uso a palavra para compor meus silêncios.*

**Manoel de Barros**

### 3.1 Trajetória de Helena

A segunda história que apresentamos é de **Helena**, nascida no dia 02 de junho de 1982 Maranhão (MA) na cidade de São Luís, tem três irmãos, sendo dois irmãos e uma irmã.

No momento da entrevista, em 2022, **Helena**, tinha 40 anos de idade e estava em vias de defesa sua dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), na cidade de São Carlos-SP.

Ela inicia sua narrativa nos contando um pouco da sua trajetória escolar desde a infância, como foram suas experiências escolares, familiares e sua história, com foco maior na trajetória escolar.

Em sua trajetória escolar, relatou que não fez a Educação Infantil, foi pra primeira série que era o ciclo de seriação à época, isso em 1989. Pelo fato do pai não ter estudos, este fez questão que os filhos estudassem, dizia que queria que tivessem estudo. Todos estudavam em uma escola particular, segundo **Helena** era a melhor escola do bairro, os pais fizeram de tudo para que as mensalidades estivessem sempre em dia.

Entre os estudos, tinham que dar conta das atividades domésticas que eram divididas entre os irmãos, incluindo os meninos. Nos intervalos, tinham aula com uma professora particular, na casa dela.

Terminou o Ensino Fundamental nessa escola particular e por lá seguiu até ir para o primeiro ano do Ensino Médio, no ano de 2000. Ainda em São Luís, neste mesmo ano, os pais se separaram e, com isso, a mãe de **Helena** decidiu mudar-se de cidade, na verdade mudar de estado, vindo a morar em São Paulo, na capital, e o pai ficou em São Luís, terminando, assim, o Ensino Médio em São Paulo na escola pública.

**Helena** relata que, desde pequena, sua maior dificuldade era em Matemática, quando a professora chamava na frente não podia contar nos dedos. Então, já ia lá para frente com receio de errar e ser motivo de risos pelos alunos.

Por influência de uma professora de Língua Portuguesa, em 2012, resolveu fazer faculdade de Letras, curso de três anos, na modalidade presencial na Universidade Paulista (UNIP). Contudo, não conseguiu pagar a mensalidade, mesmo tentando por um ano, pagando com dinheiro das faxinas que fazia, desistiu pela **primeira vez** [observamos isso] da faculdade.



Um tempo depois, no ano de 2010, voltou ao Ensino Superior, sendo em uma instituição diferente, vindo a desistir, mais uma vez, por não conseguir custear seus estudos.

Algum tempo depois, em 2012 com trabalho melhor remunerado e, por influência de sua mãe, decidiu voltar à Universidade, mas conta-nos que foi muito mais difícil nesse período de sua vida trabalhar o dia todo e estudar a noite. Era exaustivo demais, mas conseguiu terminar. Em suas palavras, o que importava, naquele momento, era somente o diploma, o curso nem tanto, não queria ser professora de Língua Portuguesa, concluiu no ano de 2015.

Motivada pelo desejo de estudar em uma instituição pública de ensino, **Helena**, não parou por aí, em 2015, prestou o ENEM e fez a inscrição no SISU, como já havia feito o curso de Letras, agora almejava ingressar na Licenciatura em Pedagogia. Entre vários lugares que viu, tentou e conseguiu ser selecionada para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), *Campus Naviraí*. Entre muitos acontecimentos tristes, incluindo a perda de um tio muito querido, se reergueu e resolveu, com ajuda da mãe que não mediu esforços para ajudá-la, então, se arriscar em uma cidade do interior do Mato Grosso do Sul (MS), sozinha com a "cara e a coragem" na mala, conforme destacado em entrevista.

Mudou-se de São Paulo capital para o município de Naviraí-MS em 2016. Foi se envolvendo com o mundo acadêmico, com a pesquisa, fez parte do PET, depois do PIBID e, mais tarde, também do Programa Residência Pedagógica (RP). Assim, **Helena** foi ganhando experiências em eventos científicos da área da Educação, através de disciplina relacionada à Matemática, cursada na Pedagogia, ficou preocupada que teria de ensinar Matemática, teria que dar aula de Matemática, pois seria pedagoga e não havia pensado, antes, que neste campo o conhecimento matemático também se faz presente.

Contudo, o que parecia ser um "problema" teve outro desfecho. Ela diz que resolveu, então, dar uma chance para a Matemática, porque todo o trauma que tinha em relação à disciplina foi porque não teve, segundo ela, professores comprometidos e aquele seria um ano diferente, uma relação diferente da que teve no passado com a Matemática, dessa vez sem os traumas trazidos no ensino fundamental.

Durante sua formação inicial na UFMS destaca que sempre falavam de mestrado, de doutorado, mundo da pesquisa, de como seria e, às vezes, no grupo vinham algumas meninas que já estavam no mestrado, isso foi despertando o desejo de estar lá também.

Com isso, incentivava particularmente por seu orientador de TCC, em 2019, resolveu tentar mestrado. Apesar da insegurança, como nos conta, que tinha certa dificuldade com a escrita, mas a partir das orientações ficava um pouco mais leve porque a dinâmica sempre trabalhar tal texto e discutiam.

Fez a inscrição todo no processo na UNESP, de Presidente Prudente-SP, e na UFSCar (São Carlos), passou nas duas e optou pela UFSCar por ser mais próximo de São Paulo capital, onde seus parentes moram.

Em 2020, iniciou as aulas no mestrado e, infelizmente, logo veio a pandemia de COVID-19, o que a desanimou um tanto, aulas *on-line*, pesquisa comprometida, enfim. Reforça que teve muita dificuldade na hora da escrita, desanimou, voltou, desanimou novamente, mas foi, terminou e defendeu em 2022.

Nas palavras dela, a dissertação é um "filho" porque aquele processo é doloroso, o processo de escrever, o processo da dedicação, pensou muitas vezes em desistir, mas não o fez, passou por toda essa dificuldade e, agora, abraça o doutorado a partir de sua aprovação, que iniciaria em agosto de 2022.

Ao observamos sua trajetória, **Helena** aproveitou as oportunidades ou até fez acontecerem, revelando dificuldades, mas, sobretudo, resiliência em prosseguir seu caminho.

Hoje, em 2024, essa menina/moça/mulher segue firme, em breve será doutora em educação, pois os desafios agora são rumo ao doutorado, aproveitando como sempre as oportunidades e desviando dos obstáculos que, por vezes, surgem sem desanimá-la no sentido da desistência.

O poema de Manoel de Barros "*O apanhador de desperdícios*", que apresentamos como epígrafe, nos faz associar com sua trajetória: uma menina de "*poucas palavras*", mas de uma coragem admirável para lutar por seus sonhos ao fazer do silêncio "*quintal*".

### **3.2 Análise da Estrutural da Narrativa de Helena**

Podemos perceber que a trajetória de **Helena**, na área da Educação Matemática, apresenta elementos relevantes que influenciaram seu percurso. Aquela menina que tinha certa versão à Matemática começava a mudar sua opinião. Relata memórias negativas em relação à sua experiência escolar as aulas de Matemática, como quando não sabia a resposta e eram expostos para toda a sala. Lembra que jamais poderia contar nos dedos.

Após duas desistências da faculdade consegue terminar, na terceira tentativa, formando-se em Licenciatura em Letras, mesmo afirmando não querer ser professora. Conta que uma professora que admirava a aproximou da área da literatura, assim decidiu cursar Letras. Acreditava que o diploma do Ensino Superior ia abrir portas, teria mais chances de inserção no mundo do trabalho.

Após concluir essa faculdade, como vimos, prestou o ENEM que, segundo ela, gostava de fazer só por conta da redação, que gostava muito de escrever, que não tinha intenção de cursar outra faculdade.

Contudo, em 2015, fez sua inscrição no SISU, porque pensou por um instante que já que tinha o curso de Letras agora poderia fazer Pedagogia. Foi chamada para a UFMS, em 2016. Resolveu e foi fazer a matrícula, após quase desistir por conta de uma perda de um ente querido, fato que a deixou bem mal. Houve, neste período, incentivos, incluindo o de sua mãe, que vendeu tudo o que tinham e deu a ela o dinheiro para ir embora estudar em Naviraí, Mato Grosso do Sul (MS).

Ao mudar-se de estado [e de vida], sozinha vê-se envolvida no processo e vivendo a vida de acadêmica. Fez parte do PET, conta que gostou bastante, foi onde teve a primeira experiência com a escrita acadêmica. Viajou, apresentou trabalhos decorrentes da vivência no referido programa.

**Helena** ainda não se sentia segura, diz que desanimou quando soube que no curso de Pedagogia teria aula de Matemática. Então, foi a partir dessa disciplina, que começou a dar uma chance para a Matemática porque todos os traumas que tinha em relação à área e professores, não queria que seus futuros alunos também tivessem.

Teve a oportunidade de conhecer uma Matemática diferente, menos assustadora como havia sido apresentada a ela anteriormente. Participou, durante a graduação, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), foi o início de sua jornada como pesquisadora. Através do programa, teve a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre práticas pedagógicas em Matemática nos anos iniciais e desenvolver suas habilidades de pesquisa. Essa experiência teve um significado muito importante em sua formação. Foi quando decidiu que queria ser professora, viu as experiências de outros professores, vivenciou o espaço-tempo da sala de aula, as inúmeras possibilidades de trabalhar a Matemática a encantou.

O ingresso no mestrado que veio logo que terminou a graduação, recebeu do professor orientador grandes incentivos e, com os editais dos processos seletivos da UNESP e da UFSCar em mãos, fez a inscrição e foi fazer as provas nas referidas

Universidades. Para alegria, passou nas duas, mas resolveu ficar na UFSCar porque é mais perto de São Paulo por ter a família na capital.

Com o início do mestrado veio a pandemia, fazendo com que cursasse de forma remota. Tal situação, segundo **Helena**, a fez perder o ânimo por vezes se sentiu desmotivada. Ao refletir sobre isso na entrevista narrativa diz que era como se não estivesse no mestrado. Nesse tempo, ela teve Covid, o que a deixou, segundo ela, com algumas sequelas como dificuldade de se lembrar de algumas coisas. Contudo, o que mais a afetou foi o fato de se ver obrigada a mudar os rumos da sua pesquisa que, até então, seria feita na escola, observando, indo à campo. Com a pandemia não foi possível, tendo que realizar entrevistas de forma *on-line*, via *Google Meet*.

Esse detalhe não a impediu de prosseguir, foi em frente venceu os obstáculos, escreveu, qualificou, defendeu seu mestrado e, recentemente, passou no doutorado em educação com um projeto de investigação, também, em Educação Matemática.

### 3.3 Abstração analítica e análise do conhecimento da narrativa de Helena

**Helena**, com 40 anos quando do momento da entrevista (2022), nascida em São Luís, no Maranhão três irmãos, sendo dois irmãos e uma irmã. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), doutoranda em Educação também pela UFSCar.

**Helena** não fez Educação Infantil, já foi para primeira série que era na época. Nos relata que pelo fato do pai não ter estudos sempre fez questão dos filhos estudarem, ela e os irmãos estudavam em uma escola particular, o pai se esforçava muito para manter as mensalidades em dia.

Ela estudava no período matutino, os irmãos eram divididos dois por período da manhã e dois no período da tarde, e tinham que se revezar porque havia a necessidade de contribuir com o auxílio nas tarefas domésticas. Os meninos também tinham que fazer tudo.

**Helena** relatou que, nesta escola, sempre ouvia deboches, pois tinha muita dificuldade em Matemática.

*Chamava na frente, a gente não podia contar nos dedos. Então, eu já ia lá pra frente, ó, tremendo. E aí quando ela pergunta alguma coisa, eu falei meu Deus do céu, que não seja eu, que não seja eu. Então, tinha*

*que ir lá pra frente, aí ela fez as perguntas, ou então, na hora da tabuada, aí o colega perguntava, aí se não acertasse o colega podia bater. E, às vezes, a gente percebia que o colega não queria bater na gente. E eles já sabiam que eu era uma das que mais erravam. Eu acredito que o meu nervosismo me atrapalhava muito, e aí quando errava o colega tinha que bater mesmo se ele não queria tinha que bater. Então, eu passei muito tempo sendo exposto desse jeito e isso era uma coisa que a gente reclamava em casa, mas parece que eles não nos ouviam (Trecho da transcrição da narrativa de **Helena**).*

Essa situação que, segundo ela, era recorrente causou-lhe uma aversão à Matemática. Sempre estudou na mesma escola e, durante todo esse tempo, as mesmas dificuldades e sempre sendo exposta por ter certa dificuldade na disciplina de matemática.

Com a separação dos pais, a mãe decidiu mudar de cidade, na verdade mudar de estado. Assim, **Helena** em 2012 foi morar em São Paulo, na capital, e o pai ficou em São Luís. Findou os estudos do Ensino Médio em São Paulo. Nesta fase, expõe que gostou muito de uma professora de Língua Portuguesa, esta lhe aproximou bastante da Literatura.

*Como as aulas eram sempre muito boas e com essa minha aproximação com a língua portuguesa comecei a ter maiores curiosidade eu pensei como possibilidade um dia fazer quando eu terminasse o ensino médio se eu fosse tentar uma faculdade eu faria o curso de Letras então acabei o ensino médio e resolvi fazer o curso de Letras (Trecho da transcrição da narrativa de **Helena**).*

Começava, assim, sua trajetória acadêmica. Primeiramente o curso de Letras na Universidade Paulista (UNIP) que, infelizmente, não tendo condições de pagar acabou por desistir, entre outras desistências acaba voltando com ajuda de um parente e terminar o curso em 2015. Confidencia que já não fazia questão do curso, só queria o diploma superior, pensando que isso poderia ajudar a conseguir trabalho melhor.

Sempre reforçando para si mesma que não queria ser professora, decide em 2016 fazer o ENEM, diz que gostava de fazer por conta da redação.

*E aí fiz o ENEM, mas sem intenção nenhuma de assim, almejando um curso superior novamente. Já tinha sido tão difícil terminar esse curso de letras que eu falei não é só mesmo pra aí feito o ENEM foi em dois mil e quinze aí no ano de dois mil e dezesseis eu fiz não ah no final de dois mil e quinze eu fiz a inscrição no SISU, Sistema de Seleção Unificada, fiz a inscrição, mas foi aleatoriamente assim, e pensei, bom já que eu fiz o curso de letras, eu bem que poderia fazer Pedagogia (Trecho da transcrição da narrativa de **Helena**).*

Nascia aí uma possibilidade de se tornar uma futura pedagoga. E, assim, foi como nos descreve esse momento.

*Aí me inscrevi, vi alguns lugares, aí eu vi um lugar chamado Naviraí. Aí eu vi como é que eu fiz pra chegar até lá. Falei, bom de lá pra cá é longe? Nossa, é Mato Grosso do Sul Senhor, pra que lado fica isso? (Trecho da transcrição da narrativa de **Helena**).*

**Helena** arrisca-se para uma nova faculdade, nova vida, nova cidade. Foi, então, que, segundo ela, nasceu o amor pela pesquisa, pela Matemática, tão temida por ela. Começou se envolver mais nas atividades da Universidade e foi gostando e aprendendo, cada vez mais.

*[...] eu comecei e a gostar muito do curso, das pessoas. Eu comecei a entender um pouco mais acontecia e na vida acadêmica porque apesar da experiência de já ter uma formação eu não vivi a universidade quando eu fiz a universidade particular pulei em três universidades, ficava pulando de galho em galho e é com a minha correria do dia a dia de trabalho, de não, era só fez a disciplina vai pra casa que correria e aí na UFMS do campus de Naviraí eu comecei a entender, a me envolver a participação de tudo que acontecia, viver ativo mesmo E aí no primeiro ano eu entrei no PET. O programa tutorial de educação. Fiquei no PET por um tempo. Aprendi bastante (Trecho da transcrição da narrativa de **Helena**).*

Como destaca, participou de programas que foram essenciais para sua caminhada acadêmica e carreira profissional. Teve a oportunidade, também, de fazer parte do PIBID, onde foi um divisor de águas na sua vida. De início até teve certa angústia por saber que teria Matemática, mas isso caiu por terra assim que inicia as intervenções, onde pode ir para uma sala de aula e aprender na prática.

*Então, no curso de Pedagogia, me aproximei da Matemática e aí eu entrei no PIBID. Aí no PIBID e foi uma única experiência. Também com como meninas e no PIBID foi a parte do PIBID na verdade que eu tive essa minha aproximação com como leituras.com como discussões hum a intervenção na escola né? Que eram sempre ligados conteúdos aos matemáticos em turma do ensino fundamental no PIBID nós trabalhávamos com educação matemática e era especificamente voltado para os anos iniciais e aí, então, lá a parte de leituras foi que eu não é que eu posso dizer que eu comecei não a me apaixonar, mas eu comecei a ter uma curiosidade e aí lá eu resolvi que talvez eu poderia avançar um pouquinho mais (Trecho da transcrição da narrativa de **Helena**).*

Com esse entusiasmo foi que nascia o desejo do mestrado. Assim, ao final da graduação em 2019, **Helena** decide que queria tentar, após os colegas e professores do curso, e especialmente do PIBID, falarem das possibilidades e a incentivarem.

*Então, no nosso grupo nós sempre falávamos de mestrado, de doutorado, mundo da pesquisa, de como seria e às vezes e no grupo vinha algumas meninas que já estavam no mestrado. Às vezes na universidade nos encontrávamos com ela e que a gente sempre estava falando dela. Então, então, era uma referência e a gente pensava, será que um dia a gente consegue chegar à estrada? Sabe assim, era um sonho tão distante, o fato de eu ter saído de São Paulo, de ter arriscado assim pra Naviraí, eu vejo que foi uma oportunidade grande que eu tive, não é? E a minha coragem de uma determinação e com a matemática eu resolvi como eu falei para você, não é? Dar essa chance de mim dar essa chance de olhar pra ela com outros olhares já que eu teria que passar esse conhecimento adiante então o que eu queria que isso fosse feito de uma maneira e como a gente aprendeu nas nossas intervenções na escola de uma maneira lúdica, criativa, que causasse efeito curiosidade de curiosidade nas crianças, que despertasse essa curiosidade delas, que elas e brincassem também que elas poderiam aprender. Eu falei, eu quero ser essa professora (Trecho da transcrição da narrativa de **Helena**).*

Decidida, **Helena**, sempre teve apoio do coordenador do programa PIBID que também foi seu orientador de TCC na graduação, foi isso que segundo ela impulsionou, ainda mais, a decisão pelo mestrado.

*E aí, tá. O coordenador do PIBID falou você quer um dia mestrado, então a gente tem que constituir um currículo, só que pra constituir esse currículo a gente precisa trabalhar, então vamos focar. E aí eu fiz, falei, é, quer saber? Eu vou, eu vou mergulhar de cabeça nisso (Trecho da transcrição da narrativa de **Helena**).*

E, então, decide por fazer a prova, mesmo na loucura de término de semestre e correria para entregar tudo nos prazos, ela arrisca e vai.

*[...] e aí o professor me passou uns textos ele falou tá então a gente vai tentar que a gente mandou o edital da UNESP mandou o edital da UFSCar ai meu Deus do céu mandou para mim e aí olhei com calma o edital, falei tá bom a gente vai tentar, vamos, primeiro a gente ia tentar tentamos o da UNESP. E isso eu tinha que me desdobrar porque eu tinha que estudar eu tinha que eu estava no último ano do curso de Pedagogia (Trecho da transcrição da narrativa de **Helena**).*

Essa menina com tantos sonhos e muita vontade de continuar seus estudos segue firme com seu objetivo. Parte em busca desse sonho, que nasceu nos bancos da Universidade, e como ela deixa claro por meio dos Programas citados, que participou durante a graduação, como PET e PIBID.

*E aí fui, fazer a prova na UNESP. Chegou lá tem o tema e falei, bom, isso é a hora. Tem que dissertar sobre isso, só que não era bem o tema,*

*não era um tema específico, era um excerto, sabe? Agora vai pôr em prática o que eu aprendi durante esses anos. (...) E aí fui, fiz a prova e um colega no dia fizemos prova escrita dia seguinte fizemos prova de proficiência. Fizemos prova, ficamos dois, três dias lá em Prudente embora foi. E aí depois eu voltei para fazer a não voltei eu vim pra UFSCar fazer a prova escrita também não estudei porque não ia dar tempo. Foi acho que a prova foi um mês depois dessa outra aí fiz no aqui bom eu sei que aí Elisângela eu passei na UNESP (Trecho da transcrição da narrativa de **Helena**).*

**Helena** foi aprovada! Não só em uma, mas nas duas Universidades que tentou o ingresso no mestrado. Agora teria de decidir para onde iria, pois já havia passado. Então, decide!

*[...] escolhi ficar na UFSCar porque é mais perto de São Paulo. Minha família está lá. Então aqui fica mais fácil para ir do máximo de ônibus três horas. Tão eu fico nessa pra lá e pra cá com eles (Trecho da transcrição da narrativa de **Helena**).*

Escolhendo a UFSCar, ela tem que mudar novamente de cidade. Foi com muita animação, mas não contava com algumas barreiras na caminhada...

*Aí aqui eu comecei a fazer o mestrado que eu achei assim que eu estava abafando que eu sabia de tudo que eu tinha que eu era. Aí começou uma pandemia. Eu fiz todo o mestrado de forma remota. O primeiro ano foi como disciplinas o segundo ano foi o ano, não é? Que eu mais foquei assim na escrita, mas quando no primeiro ano quando eu fiz as disciplinas Ainda mais com a pandemia, em casa. Quando chegou acho que na metade do ano mais ou menos eu não sentia que eu estava no mestrado. Toda essa vontade que eu que eu fiquei contente, que eu me achava o máximo, que eu aquilo passou. E eu achava que eu não queria mais. Na verdade, eu não achava, eu não queria mais. Porque eu estava fazendo tudo online, era tudo a distância, e aí o que estava ruim ficou pior, em agosto eu perdi a minha avó, ah em agosto e aí eu tenho Covid-19 em outubro aí eu fiquei, então foi bem difícil assim (Trecho da transcrição da narrativa de **Helena**).*

Passava por dificuldades, por conta da pandemia, e por isso e de outros acontecimentos deu uma desanimada, não queria mais prosseguir. Contudo, novamente com ajuda e muita conversa do professor que a orientava (informalmente), **Helena** reanima e volta, já com as disciplinas cumpridas agora era a escrita, a pesquisa.

*E aí quando foi em dezembro acabei com as disciplinas, mas eu sentia que eu não queria mais. Que era já tinha passado tinha passado toda vontade de fazer alguma coisa, de mudar o mundo. Aí quando foi em janeiro o professor falou assim, você não vai voltar mais não? Que já acabou com disciplinas e eu falei que eu não quero mais nada da minha*



*vida, não quero fazer mais nada. Eu não quero, eu não sinto mais vontade de falar, Helena você fez todas as disciplinas. aí teve uma conversa comigo sabe? Então acabei ficando mais animada. E aí voltei porque eu estava em São Paulo peguei Covid-19 fui pra lá me recuperar, ficar até a final do ano lá e aí eu voltei em fevereiro. Nessas de voltar em fevereiro quando foi em junho eu já estava com relatório de qualificação pronto. Porque eu fiquei no gás sabe assim? (Trecho da transcrição da narrativa de **Helena**).*

Assim, consegue retomar e finalizar o mestrado. Agora seguira no doutorado pela UFSCar, continua morando em São Carlos-SP.

*Pensei muitas vezes em desistir. Talvez você deve ficar pensando assim, tá, se você pensou, passou por toda essa dificuldade O que você ainda quer o doutorado? E eu achei que eu não conseguiria entrar. Foi a mesma história. Ah eu vou ver no que vai dar. E aí agora vai começar o doutorado e aí vou passar de novo pelas mesmas coisas será como é que vai ser diferente? Ah mas de uma forma geral eu acho que eu aprendi muito (Trecho da transcrição da narrativa de **Helena**).*

Segue seus caminhos, "apanhando os desperdícios" pelo mundo, driblando os obstáculos e aprendendo ao longo do percurso, cada dia mais. **Helena** contribui com outros pesquisadores, assim como no caso de nossa pesquisa. Nos ensina que também é no "desperdício" que se encontra a abundância!

## Capítulo 3

# "É Preciso Transver o Mundo"

*É Preciso Transver o Mundo*  
*A expressão reta não sonha.*  
*Não use o traço acostumado.*  
*A força de um artista vem de suas derrotas.*  
*Só a alma atormentada pode trazer para a voz um*  
*formato de pássaro.*  
*Arte não tem pensa:*  
*O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.*  
*É preciso transver o mundo.*  
*Isto seja:*  
*Deus deu a forma. Os artistas desformam.*  
*É preciso desformar o mundo:*  
*Tirar da natureza as naturalidades.*  
*Fazer cavalo verde, por exemplo.*  
**Manoel de Barros**

### 4.1 Trajetória de Júlia

A terceira história que apresentamos é de **Júlia**, nascida em Brasília (DF), vem de uma família composta pela mãe, pai, ela e duas irmãs.

No momento da entrevista ela tinha 25 anos, é mãe, professora, pedagoga no município de Três Lagoas, mestre em Ensino e Processos Formativos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/IBILCE/InterUnidades.

Ela nos contou um pouco da história, incluindo a vida escolar e acadêmica, até o ingresso no mestrado. Inicia nos contando desde a época da escola, no Ensino Fundamental. Entre tantas revelações nos evidencia que por vezes foi desacreditada, até

mesmo pelos professores que passaram por sua vida. Relata-nos que na infância era traquina, falava muito na sala e era vista como a bagunceira da sala, as professoras a tinham como alguém que não ia pra frente, alguém que não ia servir pra nada e parte dessas falas ela diz que internalizou. Segundo seus relatos tenta não repetir isso com os seus alunos, quando vai chamar atenção sempre busca medir as palavras, para não causar esse desconforto e como ela nos relata, essas "cicatrices" que ficam e machucam. Ela fala dessa época da sua vida ainda com sentimento, uma passagem que marcou desde o início da vida escolar, esse momento ela cursava o segundo ano do ensino fundamental. Continua a ouvir coisas do tipo até o oitavo ano, quando nos relata uma fala de uma professora da seguinte forma: Essa menina está perdendo tempo na escola, não tem futuro.

E isso se repetiu por alguns anos ainda, ela começou a ficar muito revoltada com a escola, não queria mais estudar, mas a mãe sempre batia o pé e dizia que a única coisa que eu ia ter na vida era estudo.

Quando chegou ao Ensino Médio gostou, conta que sempre foi apaixonada por química, por isso tentou o vestibular de química. Não deu certo. Decidiu não estudar, iria trabalhar. Mas um tempo depois, lembrando as palavras da mãe resolveu tentar vestibular novamente, dessa vez Fisioterapia, mais uma vez não deu certo, até por questões financeiras. Tenta ela então o curso de Pedagogia, relata aqui ouvir de alguns professores à mesma fala lá da época da Educação Básica, sobre não ser capaz de continuar. Mas alguns professores, segundo ela, fizeram a diferença nessa fase da graduação, levando a mesma a tentar o mestrado. Passou no mestrado conseguiu passar e se perguntava o que estava fazendo ali, as palavras de desencorajamento estavam internalizadas dentro dela, conforme nos relata. Mas foi, com medo, incertezas, mas com vontade de seguir.

Foi para uma universidade que basicamente de engenheiros, tinha engenharia elétrica, engenharia mecânica, engenharia de tudo quanto é coisa e algumas tinha licenciaturas. E então assim, quando entrou no mestrado ouviu falas do tipo, ah, quem você é? Você fez pedagogia, minha filha fez medicina. E você fez quatro anos de faculdade, minha filha fez dez. segundo ela era um desmerecimento total e da parte dos próprios professores.

Mas ela pensou como já estava lá, não poderia desistir. Na parte da escrita nos conta que foi doloroso, no início se empolgou para a pesquisa fez entrevista com professoras, participava de um grupo colaborativo dentro de uma escola de tempo integral e aí num certo momento foi convidada a se retirar, impedindo assim sua pesquisa de continuar. Já estava com parte do trabalho ali e em andamento, teve algumas entrevistas

transcritas, comecei do zero novamente. Depois de várias tentativas resolveu falar sobre grupos colaborativos em outro contexto.

**Júlia** terminou o mestrado, mesmo segundo ela querendo por vezes desistir, atualmente, percorre o caminho como professora efetiva na rede municipal da cidade de Três Lagoas – MS, segue *transvendo* o mundo e sonhando com um possível doutorado.

#### **4.2 Análise Estrutural da Narrativa de Júlia**

A trajetória de **Júlia** na área da Educação Matemática teve seu início na graduação, ela nos relata que esse encontro foi quando teve a oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, (PIBID) cujo objetivo era discutir alfabetização matemática nos primeiros anos, Luís menciona durante a entrevista que esse o programa fez muita diferença na sua trajetória acadêmica. Segundo ela essa inserção no Programa fez toda diferença na sua vida acadêmica e no caminho de descobertas que fez no trajeto.

Ela nos afirma que sente se privilegiada por ter sido bolsista desse programa, e pela a oportunidade de estar em sala de aula antes mesmo de terminar a graduação, o que para ela proporcionou experiências muito gratificantes.

No decorrer da entrevista ela nos conta que tem o sonho do doutorado, mas que por agora ainda não, que o mestrado lhe deixou algumas marcas, que o tempo talvez apague, enquanto isso guarda o sonho e segue sua vida.

Finalizando sua narrativa **Júlia** nos falou sobre o sofrimento com o mestrado em relação a ser licenciada em Pedagogia e estar percorrendo os caminhos da educação matemática. Conta nos que sentiu por vezes uma indiferença por parte dos professores ou colegas, se abateu alguns momentos, mas seguiu e com dedicação chegou ao fim do mestrado.

#### **4.3 Abstração analítica e análise do conhecimento da narrativa de Júlia**

**Júlia**, em 2022, tinha 25 anos, nascida na cidade de Brasília, licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Mestre em Educação matemática pela universidade federal de São Paulo, campus de Ilha Solteira (UNESP).

**Júlia** tem muitas marcas e traumas do início de sua vida escolar, lembra se de ser uma menina traquina, de muita conversa e até de algumas brigas com colegas da escola. Por esse motivo os professores desacreditavam dela.

*[...] E as professoras me tinham como alguém que não ia pra frente. E alguém que não ia servir pra nada e parte dessas falas eu internalizei. Ainda me machucam. Eu ainda internalizo isso muito quando algumas pessoas falam assim pra mim a, mas você só chegou até aí e não vai pra lugar nenhum. Não vai mais pra lugar nenhum. E ainda a gente internaliza muito isso... Eu principalmente assim eu vejo que essas falas, não é? Que as professoras tinham e eu vejo que algumas pessoas ainda têm ainda hoje e eu tento não repetir isso com os meus alunos quando eu vou chamar atenção eu sempre busco algo diferente. Uma palavra diferente pra não causar esse desconforto e assim essas cicatrizes que ficam e eu me lembro que no meu segundo ano do ensino fundamental, minha uma professora chegou e falou para minha mãe assim: "você está perdendo tempo com essa menina na escola". Ela não vai ser ninguém (Trecho da transcrição da narrativa de **Júlia**).*

Falando ainda sobre a relação com professores e colegas **Júlia** nos relata na fala a seguir que a questão do olhar do professor naquela época para o aluno, a fala dela deixa claro que nunca sentiu uma preocupação por parte dos professores em relação ao comportamento dela.

*Então, era assim, era bagunceiro e pronto. Era problemático e pronto. Não tinha uma, vou te ajudar, vou ver o que que está acontecendo. E aí isso se repetiu por alguns anos ainda e eu comecei a ficar muito revoltada com a escola, não queria mais estudar, mas a minha mãe sempre, não é? Eu falo assim, ela sempre bateu o pé e falava que a única coisa que eu ia ter na vida era estudo e isso ninguém ia poder tirar de mim, que o resto eu conseguiria através dele (Trecho da transcrição da narrativa de **Júlia**).*

É possível perceber na fala de **Júlia** que a mãe sempre incentivou muito a estudar, dizia que os estudos era a única coisa que ninguém poderia tirar dela, hoje ela admite que a mãe estivera com a razão.

*E hoje eu vejo assim que ela tem razão e eu tento mostrar isso, não é? Pra minha filha. Hoje sendo mãe eu entendo muito a minha mãe quando ela fala você precisa estudar, você precisa ir pra escola, você precisa, não é? Ter responsabilidades e hoje eu quando você está do outro lado, não é? Eu saí de filha pra mãe eu consigo ver outro mundo, não é? Um mundo de ela precisa daquilo porque eu não tenho muito a oferecer no sentido de é nós não temos dinheiro nós somos de classe média, não é? Uma classe média baixa, não consigo nem ser classe média alta e aí a gente nesse contexto vê isso e aí eu observo todos os esforços da minha mãe. E hoje eu vejo assim que ela tem razão e eu tento mostrar*

*isso, não é? Pra minha filha. Hoje sendo mãe eu entendo muito a minha mãe quando ela fala você precisa estudar, você precisa ir pra escola, você precisa, não é? Ter responsabilidades e hoje eu quando você está do outro lado né? Eu saí de filha pra mãe eu consigo ver um outro mundo, não é? Um mundo de ela precisa daquilo porque eu não tenho muito a oferecer no sentido de é nós não temos dinheiro nós somos de classe média; Uma classe média baixa, não consigo nem ser classe média alta e aí a gente nesse contexto vê isso e aí eu observo todos os esforços da minha mãe (Trecho da transcrição da narrativa de **Júlia**).*

Já no Ensino Médio disse que estava mais animada em estudar, gostava de algumas disciplinas em específico, mas no geral, aquele desinteresse pelos estudos havia passado, mas um novo desafio viria a seguir.

*Quando chegou o Ensino Médio eu gostei. Eu gostava do Ensino Médio e sempre fui apaixonado por Química. E tentei o vestibular de Química. Não deu muito certo, não é? Eu zerei em Língua Portuguesa por ironia do destino na redação, e aí eu zerei redação, fui muito bem na Matemática, Química e Física, mas eu zerei redação e você zerou redação você não é nada, não é? (Trecho da transcrição da narrativa de **Júlia**).*

Mas ela não desistiu, tentou Fisioterapia, desistiu por não caber no orçamento da família. Então, tenta e passa para cursar Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), *Campus* de Naviraí – MS.

Agora na Universidade, vive a mesma realidade, é desmotivada por alguns professores.

*[...] fiz o vestibular pra Pedagogia foi quando eu resolvi fazer faculdade não vou entrar falei vai ser diferente a faculdade vai ser muito diferente não foi diferente os professores repetiam as mesmas falas da minha educação básica algumas posturas até piores do que, não é? Da Educação Básica. Tive professores maravilhosos. Muito maravilhosos assim que eu trago pra minha vida. Trago pra minha profissão. E tento mostrar pros meus alunos e esse lado bom dos professores. Mas eu tive professores também de chegar e olhar pra mim e falar assim, você não vão ser nada (Trecho da transcrição da narrativa de **Júlia**).*

Com vários desafios, conclui a graduação e chega ao mestrado. Vence mais essa etapa que, segundo ela, deixa algumas marcas, cicatrizes no caminho. Sua chegada à pós-graduação não foi das melhores.

*E então assim, quando eu entrei no mestrado ouvi falas do tipo, ah, quem você é? Você fez Pedagogia, minha filha fez medicina. E você fez quatro anos de faculdade, minha filha fez dez. Assim é um*

*desmerecimento total e você ouve isso de próprios professores, os próprios professores desmerece a profissão. E assim, mas você tem uma formação em Pedagogia. Então, era humilhante, não é? Então assim durante toda a minha trajetória a gente e eu percebi muito isso essa questão do e você não vai ser ninguém, você não vai ser nada (Trecho da transcrição da narrativa de **Júlia**).*

Os desafios não eram somente lidar com o certo preconceito que vivia no ambiente da pós-graduação, chega a fase da pesquisa, ida à campo, mudança de tema de pesquisa, passou por vários estágios nesse caminho, mas não desistiu. Conta-nos que passou por problemas psicológicos, mas que obteve ajuda, tanto da Universidade como de pessoas ligadas a ela, como professores. Assim, conclui o mestrado, com algumas cicatrizes a mais para a vida, mas com outra visão de mundo, segundo ela.

*[...] e agora pela terceira vez eu teria que mudar a minha escrita. E para uma pessoa que já tinha zerado uma redação lá no vestibular de Química, teve dificuldades com Língua Portuguesa, não é? Porque eu e aceito essa dificuldade, hoje eu procuro fazer aulas, procuro fazer leituras sobre Língua Portuguesa mesmo, sobre as regras da Língua Portuguesa que é difícil e aí você se pega assim, já foi difícil para você fazer um, fazer dois, agora você tem que fazer três trabalhos, não é? (...) Lá vai eu, buscar do zero de novo mudar tudo, não é? Porque querendo ou não você tem que mudar desde a introdução, porque você está falando sobre uma coisa, vai falar sobre outra e foi, foi, foi. E aí na final já não estava tão bem assim, aquilo que eu já não sabia mais nem o que escrever (Trecho da transcrição da narrativa de **Júlia**).*

Faz um desabafo durante a entrevista. Diz ter desanimado e não ter mais vontade de escrever.

*Não sabia mais o que fazer. e a angústia era tão grande assim que a sensação que eu tinha que eu estava enlouquecendo, que eu já tinha escrito, que eu já tinha lido aquilo em algum lugar e a sensação de plágio era muito grande porque assim você muda, muda, muda e você acha que você está copiando de alguém as palavras não são mais suas de tanto que você lê você entra em conflito com você mesma e muito conflito era uma dor tão grande assim que eu falava meu Deus eu não vou dar conta eu vou parar por aqui eu vou abandonar isso aqui e por diversas vezes eu tentei abandonar mas assim que foi a minha volta que realmente torciam por mim, falavam não você consegue, você vai em frente, você vai dar certo e então quando eu terminar a minha escrita, não é? (Trecho da transcrição da narrativa de **Júlia**).*

Confessa-nos que, depois da defesa, nunca mais pegou o trabalho, nunca mais conseguiu ler, é como se tivesse criado um trauma do próprio trabalho, após tanto sufoco para terminar.

*E guardado, esses dias eu cheguei a, pegar mas eu não consigo abrir de tal assim realmente pra mim foi muito traumático por conta das coisas que eu ouvi, das coisas que eu vivenciei não só da parte da escrita porque eu acho que a escrita todo mundo passa por esse conflito e a gente passa por bloqueios, de repente você começa a ler e não sai uma palavra, você olha pro computador, você olha pro horário, você olha pros prazos e não sai, mas eu acho que apesar de da escrita, eu acho que o psicológico do que as pessoas fazem com você, do que as pessoas te mostram é mais difícil, não é? E junta problemas que você tem e aquilo é muito temido, então a escrita pra mim no mestrado foi muito dolorida, não é? Muito, muito mesmo (Trecho da transcrição da narrativa de **Júlia**).*

Relata ainda que teve problemas de saúde durante essa trajetória, um estágio de depressão durante todo o a o mestrado. Foi encaminhada para apoio psicológico da Universidade, tendo esse apoio foi possível dar continuidade. Apesar das marcas, das "feridas", como ela coloca, conseguiu vencer as barreiras e terminar o mestrado, fica evidente nas suas falas que o caminho não foi fácil, mas o mais importante é que não se deu por vencida, as feridas, espera se que um dia ela possa se curar.

*Coisas que eu ouvia, eu ouvia na verdade assim, não deixa isso pra lá que você não vai ser ninguém, isso aí não é pra você. Deixa pra quem pode, deixa pra quem consegue. E eu ouvi isso a minha vida inteira e não apenas assim na parte da escrita, na parte de várias coisas da época da graduação, não isso aqui não é pra você, abandone isso aqui e vai fazer outra coisa da sua vida, mas eu sempre tive pessoas que me apoiaram, não, você vai terminar, você é boa em fazer as coisas, você vai pra frente, mas assim, sempre tem aquele que te põe pra baixo. Mas a escrita foi bastante complicada. Assim, esse período eu acho que todo mundo fala, não, você esqueceu. Não, não tem como esquecer uma coisa que te marca pra sempre, assim, pra sempre mesmo (Trecho da transcrição da narrativa de **Júlia**).*

O poema de Manoel de Barros "*É Preciso Transver o Mundo*" evidencia processos interessantes que nos possibilitou reunir elementos para apresentar a trajetória de sua biografia.

No momento **Júlia** segue seu caminho, buscando ver o mundo ora com os olhos de professora, ora com os olhos daquela menina que ainda hoje carrega marcas desagradáveis da sua trajetória de vida escolar e acadêmica.



## Capítulo 4

# A CONSTRUÇÃO DO MODELO TEÓRICO

*Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível. São Francisco de Assis*

A construção do modelo teórico é o sexto e último passo da análise proposta por Fritz Schütze e objetiva estabelecer os modelos teóricos que possam surgir da análise sobre as trajetórias biográficas dos entrevistados.

Quando trajetórias de grupos específicos são analisadas em suas oportunidades e condições biográficas, esses dão lugar aos modelos teóricos processuais de tipos específicos de curso de vida, podendo ampliar a visão acerca das condições sociais e ações específicas de determinados grupos sociais em determinados contextos e condições. A construção de um modelo teórico a partir das narrativas biográficas oferece desafios ao pesquisador que deve lembrar sempre que, ainda que as trajetórias de vida possam indicar caminhos coletivos e singulares que permitem teorizar, é difícil pensar em um modelo que dê conta da complexidade de relações sociais como as apresentadas pelas biografias (Vaz, 2019, p.68-69).

A análise das narrativas teve início com a identificação dos elementos e, após a realização da análise formal do texto, seguida da descrição estrutural do conteúdo e da abstração analítica.

Neste capítulo, buscamos delimitar referenciais teóricos que permitam analisar as trajetórias dos três estudantes de pós-graduação que nos concederam entrevista narrativa.

Para isso, julgamos pertinente de início estabelecer uma análise contrastiva entre as diferentes trajetórias a fim de perceber em que ponto elas se interligam.

Para tanto, trabalhamos com a pesquisa narrativa que é uma exposição de fatos, narração ou história.

Muitos são os significados de narrativa que circulam entre nós: uma história; algo contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em sequência; um relato de acontecimentos; uma sequência de eventos passados; uma série de eventos lógicos e cronológicos, etc. As narrativas circulam em textos orais, escritos e visuais e têm sido amplamente investigadas na área de Linguística Aplicada (Oliveira; Paiva, 2008, p. 1).

Através da narrativa podemos transmitir muitos conhecimentos e histórias ao longo dos anos, nos ajudam na transmissão de experiências e valores culturais. A tradição de contar histórias vem, desde as civilizações antigas, onde passavam oralmente entre as gerações.

Para Bruner (2002, p. 46) "[...] uma narrativa é composta por uma sequência ímpar de eventos e ocorrências envolvendo seres humanos como autores ou personagens[...]" e reforça mais à frente que ela "[...] pode ser real ou imaginária sem perder sua autoridade como história" (p. 47).

Assim, as histórias serviam como forma de conservar a cultura dos povos, ensinamentos e valores morais.

Para melhor organização dos dados, dispomos de um quadro com informações sobre os entrevistados. Segue para título de informação.

**Quadro 1.** Trajetória e vida escolar dos entrevistados.

Entrevistados	Infância	Relação familiar	Trajetória escolar	Formação inicial	Ingresso Mestrado	Dificuldade na escrita	Superação
<b>Luís</b>	Nasceu no Paraguai, na cidade de Tavapi, onde moraram até seus 12 anos de idade. mudando se para o Brasil em seguida.	Tem uma relação muito próxima com sua mãe, que está sempre ao seu lado.	Estudou no Paraguai, foi alfabetizado no idioma Guarani. Estudou até o sétimo ano lá, iniciando no Brasil no oitavo ano.	Graduação em Pedagogia, pela UFMS Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, campus de Naviraí. Foi bolsista do PIBID.	Ingressou no mestrado no ano de 2020, pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP).	Não relata dificuldades com a escrita, um dos motivos segundo ele foi fazer parte do PIBID durante a graduação.	A cada mudança por conta dos estudos foi uma superação para ele, nova cidade, novas amizades, enfim.
<b>Helena</b>	Nascida no Maranhão (MA) na cidade de São Luís, onde morou até o ano de 2012, mudando em seguida para São Paulo.	Tem uma relação familiar ótima na infância, na fase da adolescência acontece a separação dos pais e vai a viver com a mãe e irmãos em outra cidade.	Sobre sua trajetória escolar na infância, ela nos relatou que não fez a Educação Infantil, foi pra primeira série.	Sua primeira graduação foi em Letras, sendo a segunda em Pedagogia, pela UFMS Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, campus de Naviraí. Foi bolsista do PIBID.	Ingressou no mestrado no ano de 2020, pela (UFSCar) Universidade Federal de São Carlos.	Não relata dificuldades com a escrita, um dos motivos segundo ela foi fazer parte do PIBID durante a graduação, onde já teve o primeiro contato com a escrita.	Chegar ao doutorado, depois de tantas idas e vindas da vida, tentativas de fazer uma graduação e algumas desistências.
<b>Júlia</b>	Nascida, nascida em Brasília (DF), vem de uma família composta pela mãe, pai, ela e duas irmãs.	Sempre teve boa relação familiar, conta que os pais a incentivara estudar, desde pequena.	Na infância escolar relata que era tida como a bagunceira da sala, desacreditada pelos professores.	Graduação em Pedagogia, pela UFMS Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, campus de Naviraí. Foi bolsista do PIBID.	Graduação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP/IBILCE/InterUnidades.	Teve dificuldades na escrita, nos relata que foi doloroso por ser uma fase solitária do pesquisador.	Ter o título de mestre para ela foi uma superação, pois ouvia tanto que não chegaria lugar algum que quase acreditou.

Fonte: Elaboração própria (2024).

A construção do modelo teórico toma como base processos oriundos das três narrativas dos colaboradores da pesquisa. Nesta direção, conseguimos perceber, olhando para as três histórias que existe transversalmente nas trajetórias, questões que acabam interligando os diferentes sujeitos, a primeira delas é questão da trajetória escolar deles, pois os três são oriundos das camadas populares.

Como vimos nos capítulos anteriores, independentemente da idade, do contexto histórico em que nasceram, a realidade socioeconômica é muito semelhante, pois são três pessoas filhas da classe trabalhadora.

É possível perceber na fala de **Luís**, por exemplo, que as condições não eram das mais confortáveis para sua família, em termos financeiros.

*E no princípio eu falava não mãe, faculdade é muito caro, não é? Nós não temos condições financeiras para cursar uma faculdade, falava, não, a gente, você vai cursar uma faculdade sim, nem que eu tenha que vender tudo, que a gente tem aqui, móveis, enfim, mas você vai cursar uma faculdade.*

Na fala dos entrevistados, durante a entrevista concedida, foi possível observar que suas trajetórias escolares são semelhantes, em relação a classe social, dificuldades apresentadas pelos estudantes durante suas vidas nos evidenciam que um dos fatores que encorajou e permitiu que dessem sequência a seus estudos foi a família, o apoio incondicional, para garantir que seus filhos estudassem. É sabido que muitos estudantes não chegam às Universidades, muitas vezes, por ter que optar entre ou trabalhar ou estudar.

**Helena** expõe, em sua narrativa, que as condições para estudar não eram diferentes de **Luís**.

*Minha mãe me incentivava, mas a gente não tinha condições para pagar, aí eu fui fazer faxina e aí me inscrevi no curso de letras, juntei uma grana pra fazer matrículas tudo certinho..... E não conseguia pagar. eu fiz o primeiro ano inteiro nessas de fazer faxina, de arrumar sempre um bico e aí todo mês era que meu Deus será que eu vou ter dinheiro para pagar o próximo mês? Mas é na maior dificuldade e eu acabei o primeiro ano aí o segundo ano não pude pagar (Trecho da narrativa de **Helena**)*

A trajetória de **Júlia** não diferenciou dos demais. Também advinda de classe popular, teve dificuldades para chegar à Universidade.

*[...] fui pesquisar o curso de fisioterapia é um curso caro, não é? Não caberia num orçamento duma família de quatro meninas e todas em idade escolar então eu fiz o vestibular para Pedagogia. (Trecho da narrativa de **Júlia**).*

Apesar de enfrentarem dificuldades, o apoio incondicional da família sempre fica muito evidente nas três narrativas.

Observamos, em um dos entrevistados, a fala de que seria a única da família a chegar a uma Universidade e, mais longe ainda, neste caso agora cursando doutorado.

Apesar das dificuldades, os três chegaram a pós-graduação tendo perspectivas de seguir com suas pesquisas. Neste percurso, tiveram ajuda e apoio de programas, auxílios, grupos de estudos, bem como de professores, que se tornaram não somente mestres, mas amigos.

Segundo Arruda (2018, p. 226):

Desse modo, uma análise sobre a presença de categorias sociais antes excluídas do sistema de ensino levanta necessariamente a questão: o acesso à universidade, sim; e depois? Não basta ter acesso ao ensino superior, mesmo sendo público.

Nos três casos, são relatadas as dificuldades existentes no decorrer de suas trajetórias escolares, tendo em vista que todos são advindos da mesma classe social. Ao mesmo tempo em que essas três pessoas têm uma longevidade escolar são, acertadamente, talvez dentro de seus grupos familiares os padrões de referência em estudo, pois chegaram mais longe, num grau de estudo de maior excelência.

**Luís** nos relata que quando optou por mudar para a cidade, na qual cursava Pedagogia, sua mãe trabalhou de diarista, em casas de família e que ele a ajudava na limpeza das casas, esse era o único meio, até então, de conseguirem se manter na nova cidade.

*Eu e a mãe com a cara e com a coragem, sem emprego, sem conhecer ninguém na cidade. E logo eu vou tentar não me emocionar e logo nós passamos a fazer diárias inclusive eu ajudando a minha mãe nas diárias, limpeza de casa, auxiliando a minha mãe numa faxina, não é? Ou seja, limpando casa (Trecho da narrativa de Luís).*

Percebemos que **Luís** passou por algumas dificuldades logo que chegou à Universidade (em sua formação inicial), mas que isso não o impediu de continuar. Logo mais se informa sobre programas existentes que, além de contribuir com os estudos, foi um auxílio em questões financeiras.

As considerações feitas por Luís são recorrentes em muitas pessoas com trajetórias advindas das camadas populares.

Sabemos que a longevidade escolar envolve vários elementos que as autoras Santos e Oliveira (2019, p. 11) afirmam:

Pode-se afirmar que para pensar as relações entre longevidade escolar, família, escola e indivíduo é cauteloso analisá-las em uma perspectiva dinâmica construída, não por um ou outro elemento isolado, mas pelo conjunto interdependente de suas variáveis, seus integrantes (estudantes, professores, familiares, amigos, irmãos etc.), seus recursos materiais e culturais, e trajetórias particulares.

Por vezes, alguns alunos até chegam a entrar na Universidade, mas por muitas, também não permanecem ou, quando conseguem concluir a graduação, param por ali, não dão continuidade por vários motivos, o principal deles talvez seja a classe social a qual pertença.

A longevidade escolar de alunos oriundos das camadas populares vem sendo investigada pela Sociologia da Educação, desde a década de 1960, a exemplo de países como a França, buscando-se compreender o que teria favorecido tal prolongamento da escolarização (Oliveira; Nogueira, 2019, p. 2).

**Helena** destaca que, por vezes, teve dificuldades para continuar os estudos, contou com ajuda financeira de um familiar inclusive.

*E não conseguia pagar, eu fiz o primeiro ano inteiro nessas de fazer faxina, de arrumar sempre um bico e aí todo mês era que meu Deus será que eu vou ter dinheiro para pagar o próximo mês? Mas é na maior dificuldade e eu acabei o primeiro ano aí o segundo ano não pude pagar. Não eu resolvi que eu ia parar. Aí eu parei de estudar. Porque não tinha mais como pagar, ficou um tempo sem retornar, não é? Para o curso, depois do meu irmão me ajudou, eu comecei a trabalhar de auxiliar de limpeza no SENAC prestando serviço porque antes eu fazia faxina. E aí arrumei emprego em uma das que prestava serviço para o SENAC. Então meu irmão falou volta que aí eu te ajudo. Voltei só que aí dessa vez eu fui pra outra instituição. Porque pra eu continuar que eu tinha que pagar o que eu desvio. E aí não podia pagar. Então eu fui pra outro. E aí isso também não durou muito porque eu não consegui pagar. Aí parei de novo. E aí resolvi que eu não vou fazer mais nada (Trecho da narrativa de **Helena**).*

Em contrapartida, existem também os alunos que se deslancham na escolaridade e não param na graduação, tendo a possibilidade de adentrar o mundo da pesquisa, ingressando em cursos de pós-graduação, nos cursos de mestrado e/ou doutorado. Esses, por sua vez, enfrentam alguns desafios, seja qual for a área de atuação, mas veremos aqui na área da educação, falando sobre desafios de futuros professores que se arriscam no mundo da pesquisa. Esse início se dá ainda graduação, na construção do TCC.

Sobre o papel da pesquisa na formação de professores, os autores Ciríaco, Camelo (2016, p. 32) afirmam que:

Logo, levando em conta que o TCC é uma construção intelectual do aluno (autor), que revela sua interpretação sobre o objeto de estudos escolhido, leitura e reflexão sobre a situação investigada, infelizmente a experiência de realização desse trabalho acaba tornando-se um “fardo” para muitos acadêmicos, pois têm dificuldades no percurso da pesquisa, o que reforça a necessidade de compreensão desse período da formação no decorrer da licenciatura.

Faz-se importante a presença do professor orientador neste processo. Sobre esse fato, os três entrevistados não relatam problemas, ao menos na graduação. Fica nítido que faz toda diferença esse entrosamento com o orientador na construção de um percurso investigativo.

*E acredito que em síntese da graduação é isso, foram momentos muito importantes na minha vida e eu sou muito grato ao PIBID, ao PIBIC e também ao orientador que eu tive pois ele estava presente. Uma vez que ouvia relatos de orientadores, orientadoras, enfim, de colegas que não eram tão presentes assim. e eu acredito que isso dificulta, isso é um desafio, não foi pra mim, mas e eu ouço relatos, não é? Experiências declaradas que e fica complexo, pessoas que entram em depressão, pessoas que tem ansiedade, enfim, não é? Então, nós e eu sei que eu fui uma pessoa e sou até hoje privilegiada nesse sentido (Trecho da narrativa de Luís).*

Através das entrevistas, pudemos perceber a questão de eles terem uma longevidade escolar, pois chegaram além. Dois deles, **Helena e Luís**, hoje estão cursando doutorado em educação. Neste caso específico, com projetos de investigação em Educação Matemática, uma delas é professora efetiva no município de Três Lagoas-MS, tendo passado em um concurso recentemente.

Isso se deve a longevidade escolar, pois lhes permitiu maior contato com o universo de estudos, pesquisas e, conseqüentemente, a sentirem-se mais seguros para os desafios da carreira, seja na docência, seja na pesquisa.

Outro fator de grande relevância para os três entrevistados sobre a permanência e continuidade no mundo acadêmico, segundo eles, foi as contribuições, principalmente, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID – foi lançado em 2009, pelo Governo Federal, via Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio de projetos implementados em Universidades brasileiras.

O PIBID é uma iniciativa que integra a Política Nacional de Formação de Professores, do Ministério da Educação (MEC), e tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da Educação Básica pública brasileira.

Para o desenvolvimento dos projetos institucionais de iniciação à docência, o programa concede bolsas aos licenciandos, aos professores das escolas da rede pública de Educação Básica e aos professores das Instituições de Ensino Superior (IES).

Fazem parte de seus objetivos:

I - incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;

II - contribuir para a valorização do magistério;

III - elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre Educação Superior e Educação Básica;

IV - inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;

V - incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como coformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério;

VI - contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

Dados os objetivos do programa, os quais justificam a grande evidência para este nas narrativas de **Luís, Helena e Júlia**, entre tantas adversidades que existem e dificultam a permanência dos estudantes de camadas populares na Universidade, esse apoio mediante os programas de incentivo à permanência, como as bolsas de assistência e os fomentos tem garantido a permanência e, até mesmo, a longevidade escolar de muitos estudantes de classe populares, como é o caso de nossos entrevistados.

As experiências deles com esses programas fica evidente em vários pontos da entrevista.

*Logo, e, eu quando abriu o processo seletivo do PIBID o pessoal comentava do PIBID, da oportunidade de ir pra escola também, eu me*



*inscrevi e foi aí que eu conheci PIBID. Bom, e nós tivemos muitas experiências, muito interessante que acrescentaram porque o estágio é o não o remunerado perdão era interessante. No entanto com o PIBID eu tive a oportunidade e deu estar na frente e ministrar uma aula, por exemplo, claro, em cooperação, não é? Em colaboração com a professora da sala, não é? E outros e outras pibidianas, não é? Então, eu tive essa oportunidade de em colaboração com elas, é lecionar ah o ensino fundamental. Então foi muito importante, eu acredito que acrescentou bastante na minha experiência pré-profissional como licenciado em pedagogia. Bom, aí eu também participei logo no ano seguinte ou dois anos depois eu participei em média um ano e meio do PIBID e enfim pelos desmontes da educação ele acabou não se encontrando, mas tá e logo eu ingresso no PIB no PIBIC iniciação científica que foi muito importante também mais voltado pra pesquisa científica que eu gostei bastante e foi foram experiências que me e ajudaram. Contribuíram ingresso no mestrado, por exemplo, não é? Uma vez que o foco é mais a pesquisa científica (Trecho da narrativa de **Luís**).*

*Então, no curso de Pedagogia me aproximei da matemática e aí eu entrei no PIBID. Aí no PIBID e foi uma única experiência, também com como meninas e no PIBID foi a parte do PIBID na verdade que eu tive essa minha aproximação, não é? Com como leituras.com como discussões hum a intervenção na escola, não é? Que eram sempre ligados conteúdos aos matemáticos em turma do ensino fundamental no PIBID nós trabalhávamos com educação matemática e era especificamente voltado para os anos iniciais e aí então lá a parte de leituras foi que eu não é que eu posso dizer que eu comecei não a me apaixonar, mas eu comecei a ter uma curiosidade e aí lá eu resolvi que talvez eu poderia avançar um pouquinho mais. Então no nosso grupo nós sempre falávamos de mestrado, de doutorado, mundo da pesquisa, de como seria e às vezes e no grupo vinha algumas meninas que já estavam no mestrado (Trecho da narrativa de **Helena**).*

Essas falas confirmam o quanto esse programa de incentivo faz diferença na vida acadêmica, principalmente de alunos de classe baixa. Nossos entrevistados, por vezes, relatam a questão da dificuldade em relação ao financeiro, e reforçam a oportunidade de fazer parte do programa, poder dedicar integralmente ao curso e ter o benefício de participar ativamente de grupos de estudos, intervenções em salas de aulas, etc.

Sobre a importância do PIBID, Ciríaco e Mariano (2020 p. 309) destacam que:

[...] o programa de iniciação à docência precisa ser encarado como uma modalidade formativa que integra as atividades da formação inicial no curso de Pedagogia, as ações deste não podem se desenvolver como "apêndices" da licenciatura, mas sim, como eixo catalisador transversal de aprendizagens pré-profissionais, as quais possibilitam compreender a realidade educacional e articulam o que se vê em teorias pedagógicas com problemas práticos da profissão professor na Educação Básica.

Podemos perceber o quanto esse referido programa tem contribuído na formação de professores, pois oportuniza uma prática de sala de aula antes mesmo do término da graduação. Sabemos que o início da carreira docente traz vários desafios para esse novo profissional.

Os problemas enfrentados pelos professores iniciantes são inúmeros, porém, a formação inicial é imprescindível, nela o acadêmico tem a oportunidade de adquirir um repertório de conhecimentos para ingressar em uma profissão que possui saberes específicos, pedagógicos e didáticos. Assim, o futuro professor poderá, se tiver uma sólida formação, problematizar e auxiliar seus alunos na construção de uma aprendizagem mais significativa do ponto de vista do conhecimento acumulado ao longo do tempo pela humanidade, contribuindo para formar cidadãos críticos e reflexivos para atuarem na vida em sociedade (Ciríaco; Mariano 2020, p. 305).

Na trajetória dos entrevistados, a participação no referido programa possibilitou ainda um ressignificar com a Matemática.

*Só que aí antes de entrar no PIBID no curso de Pedagogia eu descobrir que teríamos aula de matemática. Falei ai meu Deus de novo esse inferno na minha vida.... descobri depois que o curso de Pedagogia eu teria que ter uma disciplina relacionada a matemática. E aí depois que eu penso eu falei Jesus se eu vou trabalhar como pedagoga? Eu vou possivelmente da aula de matemática. Falei, eu não pensei nisso. Aí desafio. Então foi a partir dessa disciplina, não é? Como eu tive relacionando matemática que eu comecei a dar uma chance para a matemática na minha vida porque todo o trauma que eu tinha em relação à matemática foi porque eu não tive professores que foi primeiro que foi um ano diferente, não é? Foram professores de uma época, diferente só que eu pensei, eu não quero que os meus futuros alunos eles passem por mesmo que eu passei. Sabe eu não quero causar trauma em ninguém, eu não quero causar algum transtorno alguma criança. Eu quero que eles tenham boas experiências. Então no curso de Pedagogia me aproximei da matemática e aí eu entrei no PIBID. Aí no PIBID e foi uma única experiência (Trecho da narrativa de **Helena**).*

Fica nítido nessa fala de **Helena** que uma barreira se quebrou, uma relação difícil com a Matemática, anterior, aqui ganhava outra chance e essa foi de suma importância para sua trajetória, nascia aqui um amor pela Matemática que antes nem era cogitado.

Um ponto que vale ressaltar é a dificuldade que foi relatada por nossos entrevistados em relação à Matemática, ainda na Educação Básica não tiveram uma boa relação com a Matemática, levando isso até a graduação, momentos que quiseram desistir do curso de Pedagogia quando se depararam com a disciplina na Matriz Curricular.

Essa aversão foi evidenciada por atitudes negativas em suas trajetórias escolares, alguns fracassos, então, surgem aí um desafio, como esses futuros professores vão ensinar Matemática se ainda existia essa negação em relação à mesma.

Adentrando o curso, os relatos já mudaram, surge a oportunidade de um novo olhar para a Matemática, muda a atitude dos entrevistados, um campo a ser explorado mais a fundo, uma nova experiência, agora na prática, fazendo assim com que a relação negativa agora ocupasse um novo lugar, despertando um interesse maior pela área.

Se você tem boas recordações do ensino de Matemática e teve bons professores, provavelmente isso influencia positivamente sua trajetória enquanto professor. Se essas recordações não são boas, é possível que em alguns momentos você sinta algum tipo de mal-estar ao ter que ensinar Matemática (Moraes; Pirola, 2015, p. 62).

Entende-se que os professores garantem boas experiências aos alunos quando têm uma atitude positiva em relação à Matemática.

*Porque a minha maior dificuldade era em matemática. Por incrível que pareça. Sim, sim. Então a minha versão a Matemática ela já vem de muito tempo e aí época a minha dificuldade era matemática e como professora da época ela hoje o que eu vejo que é o aluno... Eu acredito que o meu nervosismo me atrapalhava muito. e aí quando errava o colega tinha que bater mesmo se ele não queria tinha que bater. Então eu passei muito tempo sendo exposto desse jeito e isso era uma coisa que a gente reclamava em casa, mas parece que eles não nos ouviam. (Trecho da narrativa de **Helena**).*

A experiência negativa de **Helena** com a Matemática marcou sua trajetória, apesar disso, ao que sua narrativa indica, ela pegou como modelo a não ser seguido, traumas e desconfortos causados nessa fase da vida escolar que ela viveu. Alguns alunos criam certa aversão pela Matemática por vivenciar experiências negativas, como atitudes de professores, por exemplo, no caso de **Helena**, que recebia "punição" quando não acertava determinada questão de Matemática.

Sobre o assunto Almeida (2021, p. 58) afirma que:

Não podemos generalizar e concluir que as atitudes em relação à disciplina são mais negativas do que positivas, é preciso analisar cada caso particular e rever formas de abordagem no sentido de garantir problematizações que levem os estudantes à descoberta de modo a contribuir com sentimentos mais positivos, o que dependerá da metodologia de ensino, das condições de trabalho docente e das interações durante a mediação entre sujeito aprendiz e o conhecimento matemático.

O entrevistado **Luís**, por exemplo, nos relata boas experiências com os professores em relação à Matemática.

*E esse incentivo dos professores agora falando também me ajudou muito. A professora de português e tinha o professor de Matemática. Esses dois professores eles incentivavam bastante. Bom, então, a minha experiência com a Matemática foi bem positiva no Ensino Fundamental. Era algo mais mecânico, é principalmente na questão das exatas. Por exemplo, a Química, a Física e a Matemática. Eu até ensino fundamental eu pensava em ser professor de Matemática. No entanto, no Ensino Médio e essas experiências, digamos assim, não positivas, não é? Ou essas experiências de mecânica com a área da das exatas me fez repensar. Então, eu ia para as aulas de Matemática, eu decorava. Eu sentava bem lá na frente, não é? Eu decorava. Claro, algumas coisas eu aprendia, mas assim, aquelas regras, não é? Por exemplo, a fórmula de Bhaskara, escolher entre Bhaskara, ou é a opção do delta lá enfim essas questões que mais vivem a mente agora eu decorava sabe eu num não aprendi eu decorava a época (Trecho da narrativa de **Luís**).*

A fala de Júlia tem outro viés. A aluna que falava demais e, às vezes, era desmerecida, mesmo com notas boas, traumas de falas de professores, não da Matemática, como nos relata a seguir.

*Mas eu ouvi isso também no oitavo ano quando e eu mudei de cidade, a professora falou que não sabia o que eu estava fazendo ali porque eu não queria fazer nada e as minhas notas não foram ruins, mas o problema sempre foi a conversa e isso eles tinham que como assim desinteresse da escola e aí isso foi perpetuando. Quando chegou o ensino médio eu gostei. Eu gostava do ensino médio e sempre fui apaixonado por química. E tentei o vestibular de química. Não deu muito certo. Eu zerei em Língua Portuguesa por ironia do destino na redação. E aí eu zerei redação fui muito bem na Matemática, Química e Física, mas eu zerei redação (Trecho da narrativa de **Júlia**).*

Muitos são os desafios enfrentados pelo professor em sua formação inicial algumas delas residem: na falta de articulação entre teoria e prática, a preparação das metodologias de ensino que são necessárias para ensinar determinados conteúdos, e também alguns princípios básicos e necessários para que possa construir uma educação de qualidade para todos.

Somente na Universidade é que alguns dos futuros professores têm o primeiro contato com a pesquisa, conforme afirma Ciríaco e Camelo (2016, p. 37).

Desse modo, ao ingressar na universidade, os futuros professores são apresentados à normalização de trabalhos acadêmicos por meio das recomendações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Tal norma possui características próprias e exige do estudante do ensino superior uma forma mais elaborada de escrita e formatação dos trabalhos científicos e, no decorrer da formação inicial, o acadêmico precisa conhecer e saber fazer sua utilização, pois isso será de suma importância quando chegar o momento da elaboração do trabalho de pesquisa que será requisito parcial da conclusão da graduação.

É importante e necessário que a pesquisa seja inserida nos moldes adequados de sua aplicabilidade, ou seja, é preciso um movimento que encare o papel da pesquisa na construção do pensamento autônomo-crítico-reflexivo no processo de formação do sujeito (Ciríaco; Camelo, 2016). Diante dos dados oportunizados pela produção das narrativas dos pós-graduandos, ao Trans[Verem] seus mundos, fica evidente nas três entrevistas essa importância da pesquisa na trajetória deles até o momento de suas vidas.

Como podemos constatar a pesquisa na formação do professor faz toda diferença na vida acadêmica e, com certeza, influencia na sequência de estudos na pós-graduação, mestrado e doutorado. Esse contato com o mundo da pesquisa quebra barreiras que alguns alunos podem ter, além de dar mais segurança, autonomia.

Pesquisar é uma forma de encontrar respostas para diversas perguntas. Existem diversas formas para se encontrar essas respostas, tais como: investigar, indagar, conhecer outras realidades; a partir dessas respostas, pode-se conseguir formular novas ideias sobre determinados assuntos ou, aprimorar assuntos já existentes (Jung, 2007, p. 1).

Os entrevistados confirmam em suas falas o quanto foi válido participar de um programa como PIBID, e como também como esse programa os aproximaram da Educação Matemática e do universo da pesquisa científica. Garantem que tiveram maior facilidade com a escrita, inclusive por conta de estarem inseridos desde a graduação nesse universo.

*Aqui eu ressalto que eu fui privilegiado no sentido assim, que eu fui bolsista PIBID, bolsista PIBIC, e depois eu participei como vou e monitoria voluntária também, mas assim eu digo assim, essa questão de receber e também da escola, não é? Então, eu fui privilegiado, por quê? Eu sei que os meus colegas não tiveram essa oportunidade, do TCC eu gostaria de enfatizar principalmente a o PIBID e o PIBIC. uma vez que nós escrevíamos o PIBID e nós íamos era aquela questão reflexão ação reflexão. Então, nós estudávamos a teoria, nós íamos a prática e nós regressávamos e refletíamos sobre aquilo e publicávamos em eventos então essa escrita colaborativa, porque realmente era*

*colaborativa entre os pibidianos, não é? Então, e também o PIBIC auxiliou bastante a iniciação científica nessa questão da escrita TCC. Então, pensando especificamente a escrita eu não encontrei muitos desafios porque era aquilo que eu já vinha fazendo* (Trecho da narrativa de **Luís**).

Além da questão supracitada, que seria a bolsa, o valor que recebiam era de grande ajuda financeira, mas o fato das experiências que tinham, enquanto integrante do programa, foram de suma importância quando os mesmos resolveram seguir com os estudos, adentrando o mundo da pós-graduação por exemplo. Como já possuíam um contato com a pesquisa, não tiveram maiores dificuldades, havia certa intimidade com esse universo do aluno pesquisador e com auxílio do professor coordenador do programa, que fazia toda diferença.

*Tinha os eventos à gente tinha que escrever. E algo que eu tive como é que eu posso dizer? Eu acho que eu tenho dificuldade na escrita, mas a partir das orientações do coordenador ficava um pouco mais leve, porque a nossa dinâmica era assim, vamos trabalhar tal texto discutia. Agora a gente vai escrever tal artigo pra tal evento. Sempre teve uma divisão, ninguém fez o todo, sabe assim? Vamos dividir cada um faz um pouco. Então, eu comecei a escrever por ali, aos poucos. Faz um pouquinho aqui, faz um pouquinho ali. E no começo um processo assim bem doloroso* (Trecho da narrativa de **Helena**).

**Luís** também revela a importância do PIBID na sua formação e ingresso no mestrado.

*O PIBID contribuiu para o ingresso no mestrado, por exemplo, não é? Uma vez que o foco é mais a pesquisa científica. E bom, mas e também eu quero relatar, não é? A importância da teoria e da prática, não é? Quando eu digo não somente a pesquisa, mas a pesquisa relacionando com a prática, não é? E vice-versa, com a com a práxis docente* (Trecho da narrativa de **Luís**).

A pesquisa na formação do professor vai além, se faz presente ou deveria se fazer presente no decorrer de sua trajetória agora, enquanto professor, em sala de aula. O ponto a seguir nos revela a importância da formação continuada para o professor, não somente recém-formado.

A formação continuada de professores se desenvolve de diversas formas, como: cursos de especialização, programas de aperfeiçoamento do magistério, cursos à distância. A partir da formação continuada, os professores podem ser capazes de incorporar a prática de pesquisa no

seu cotidiano, pois, desperta-se neles um sentimento de "curiosidade", que fará com que tentem algo novo em sua prática docente (Jung, 2017, p. 2).

O professor pesquisador conseguirá recursos para enfrentar supostos desafios de início de carreira, buscando na pesquisa inovações para suas aulas, experiências vividas por outros professores, práticas de colegas que deram certo ou até mesmo erros de outros que o levará a pensar em novas estratégias.

A autora Jung (2017), nos revela que a pesquisa na formação do professor é uma maneira de trazer para futuros professores o quanto é válido ir atrás se novos conhecimentos, sempre buscando inovar, sendo criativo diante dos alunos, pois esses estão curiosos quando se trata de conteúdos novos.

As discussões apontam para uma necessidade, a formação de um professor reflexivo e pesquisador, mas revelam igualmente que muito pouco foi feito neste sentido. Tomar a pesquisa enquanto elemento formador para a docência implica considerá-la como instrumento facilitador da estruturação de uma análise sistemática da ação do professor em sala de aula, ou do pedagogo no espaço escolar, em relação a uma situação problemática. Em geral, a formação em pesquisa auxilia na organização do saber e do saber fazer docente; a tomar consciência do referencial teórico que fundamenta as decisões pedagógicas no contexto da sala de aula e a identificar as situações que necessitam de intervenção. Como construir uma formação mais autônoma e reflexiva se os profissionais não vivenciam atividades investigativas? (Lucindo; Araújo, 2018. p. 166).

Vale ressaltar a importância da pesquisa na formação e no decorrer da prática do professor, através dela esse profissional pode encontrar meios, recursos que poderá aplicar em sala de aula e, até mesmo, diferenciar sua prática do dia a dia. Além de propiciar para o mesmo uma reflexão do seu papel enquanto professor e mais além, atendendo, por dentro do que os autores falam sobre assuntos de extrema relevância para a educação, podendo assim contribuir para seu crescimento profissional e até mesmo pessoal.

Um programa de investigação perspectivado em torno do saber prático e da reflexão poderá ajudar a ultrapassar a visão do professor como um profissional mais ou menos "carente" em relação às concepções e práticas apontadas como "correctas" pelas autoridades educativas (ou por quaisquer outras entidades que se arroguem o direito de definir "como deve ser" o ensino da Matemática). Ele poderá emergir como um actor pensante e actuante, dotado de uma intencionalidade e de um saber próprios, que em cada momento procura usar da melhor forma os meios à sua disposição para criar, conduzir e aperfeiçoar oportunidades

de aprendizagem e de desenvolvimento pessoal e profissional (Ponte, 1995, p. 187).

O autor acredita que estar inserido na pesquisa pode tornar esse professor mais reflexivo, aberto a mudanças e assim colocar na prática atitudes desse profissional, podendo melhor conduzir sua sala e proporcionar meios mais dinâmicos e de interesse dos alunos.

Acredita-se que um professor criativo, dinâmico, criador, inovador com aulas diferenciadas, consegue melhores resultados em sala de aula, mas para atingir esse objetivo o mesmo precisa ir além, buscar, inovar, pesquisar.

Na construção do referencial teórico e metodológico da pesquisa no contexto da Educação Matemática, envolveu aqui algumas questões as quais abordamos, neste capítulo, uma descrição e análise geral de todos os instrumentos utilizados para produção de dados e o resultado obtido com as respostas dos envolvidos. O caminho percorrido pela pesquisa (até aqui mestranda também em Educação Matemática), com a colaboração dos membros que se disponibilizaram a participar da pesquisa, revelando alguns sentimentos, anseios, traumas, medos, inseguranças e conquistas no decorrer de suas trajetórias.

Essa aproximação com o com o cenário de estudo prático, nos permitiu uma ligação com os referenciais teóricos, ajudando assim a entender algumas realidades colocadas por nossos entrevistados, bem como nos levou a indagar possibilidades, pontos de vista em relação à Matemática em cursos de Pedagogia e, além dele, como ouvimos os relatos de uma relação diferente de antes de nossos entrevistados chegarem à graduação e durante sua formação. A intenção aqui não é evidenciar apenas aspectos negativos, mas pensar além, como essa Matemática é apresentada e depois reproduzida para nossos alunos, quais as marcas que professores trazem e deixam da Matemática para a vida de seus alunos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa dissertação de mestrado, em Educação Matemática, que se apoia na pesquisa narrativa de acordo com os pressupostos do sociólogo alemão Fritz Schütze buscamos compreender condicionantes e racionalidades que emergem do processo da escrita acadêmica de dissertações de estudantes que desenvolvem pesquisas no campo da Educação Matemática.

Para tanto, tínhamos, uma questão de pesquisa que foi geradora da produção das narrativas que apresentamos: "*Você poderia comentar como foi o seu processo de inserção no programa de pós-graduação e quais dificuldades centrais você tem percebido do seu ingresso até aqui?*"

Para responder essa questão, no percurso da produção da dissertação, nos envolvemos em um amplo conjunto de ações, as quais envolveram mapear quem são os sujeitos participantes em potencial da pesquisa, que ocorreu por conta de participamos de um grupo de pesquisa, o "MANCALA – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Cultura e Formação Docente" (CNPq/UFSCar) e no mesmo existem sujeitos de três regiões brasileiras (Norte, Centro Oeste e Sudeste), devido a um critério de temporalidade utilizamos como principal método a própria adesão e o convite à participação voluntária feita dentre desse grupo de pesquisa interinstitucional.

Com o mapeamento no referido grupo, conseguimos três pessoas que estavam em momentos diferentes desse processo, umas delas, a **Júlia** havia concluído o mestrado na área da Educação Matemática, as outras, sendo a **Helena** e **Luís** estavam em vias de defesa dos seus mestrados, ambos da região Sudeste.

Na sequência, realizamos as entrevistas onde adotamos a narrativa e método do sociólogo alemão Fritz Schütze para compreender sentidos e experiências dos estudantes. O referencial teórico se valeu, transversalmente nas reflexões expressas nos capítulos que compuseram o texto, do campo da formação de professores-pesquisadores em um movimento que a narrativa assume como prática de formação/autoformação.

Durante o momento das entrevistas deixamos os entrevistados livres para trazer o que julgaram necessário, incluindo fatos de sua infância e a relação com os estudos, bem como sua primeira experiência com a pesquisa acadêmica.

Pelo método que adotamos, de Fritz Schütze, que envolve seis etapas para o tratamento das narrativas, que são: 1. Transcrição detalhada das gravações e registro dos apontamentos realizados após a gravação; 2. Análise formal do texto ou diferenciação do tipo de texto; 3. Descrição sequencial da estrutura; 4. Abstração analítica; 5. Comparação contrastiva; e 6. Construção de um modelo teórico, conseguir refletir acerca das trajetórias no movimento de Trans[Ver] o mundo da pesquisa no ambiente da pós-graduação.

Buscamos estruturar a pesquisa em capítulos. Após a introdução, que demarcou questões relacionadas a trajetória da mestranda, desde a infância escolar até o presente momento, os três primeiros capítulos subsequentes serão apresentados em uma estrutura dissertativa-descritiva que compõem o grupo dos cinco primeiros passos da entrevista narrativa de Fritz Schütze, individualmente.

Feito isso, olhamos para essas trajetórias e conseguimos chegar a alguns direcionamentos.

Analisando o primeiro objetivo específico que tínhamos, **verificar motivações para o ingresso em cursos de mestrado**, conseguimos entender que todos os entrevistados visavam crescimento profissional, mas tiveram professores que os motivaram a ingressar no mestrado, isso segundo eles fez toda a diferença naquele momento. Outra motivação que fica em evidência, nas três narrativas, é o fato de os mesmos terem a oportunidade de vivenciar o mundo da pesquisa, ainda na graduação, o que só veio a contribuir e, mais que isso, despertar o desejo de imergir nesse universo de pesquisador. Nos três casos houve uma figura central para que suas trajetórias, com o ingresso no Ensino Superior, pudessem seguir sem grandes dificuldades, sendo mais amena e com a amorosidade que este momento merece: o **Prof. Dr. Klinger Teodoro Ciríaco**, que fora mentor intelectual dos três, da graduação à pós-graduação.

Sobre isso, um dos entrevistados, o **Luís** destaca que a maior motivação foi o apoio incondicional da mãe, além do incentivo do Prof. Klinger Ciríaco desde a graduação, foi sua mãe teve e tem um papel fundamental também na sua trajetória, sendo sempre a maior incentivadora e não somente incentiva como acompanha o filho nas mudanças de cidade por conta do estudo.

O segundo objetivo específico, **identificar as dificuldades e formas de superação decorrentes do processo de inserção em programas de pós-graduação *stricto sensu***, nos proporcionou identificar como cada um conseguiu passar e superar as dificuldades, sendo elas específicas. Um dos entrevistados relatou que num determinado momento recorreu a bebida alcoólica para tentar aliviar a tensão, se vendo em situação de

ter que ingerir todos os dias para se sentir melhor (o que é preocupante). Percebeu, a tempo, que precisava de ajuda, procurou e obteve. **Helena** viu-se prejudicada com a pesquisa, pois com a pandemia da COVID-19 sua ida à campo fora interrompida, tomando assim outros rumos, sendo feitas entrevistas de forma *on-line* (via *meet*). Contamos que deu uma desanimada, fugiu de tudo, voltou pra sua cidade, mas com ajuda, novamente do Prof. Dr. Klinger Ciríaco, acabou retomando e deu sequência.

Nosso terceiro e último objetivo específico, **analisar percepções de mestrandos, na área de Educação Matemática, acerca da criatividade e autonomia no processo de escrita acadêmica**, **Helena** relata que foi uma fase muito dolorosa, acredita que pelo fato de ter Covid ficou com dificuldades de memorizar, tornando assim a escrita mais difícil. Destacou também certo abandono por parte da orientação de sua orientadora na pós-graduação, ficando ela e sua dificuldade e limitação, sozinha. Sendo assim, diz também que teve total autonomia para escrever, mas a criatividade era ausente, mas conseguiu, com muita dedicação finalizar esse processo a partir de uma orientação informal de outro docente do programa. **Luís** conta que foram poucas as dificuldades, pois sempre se dedicou e teve todo apoio por parte da orientação, diferentemente de **Helena**. Sempre teve autonomia para colocar o que gostaria de ver no trabalho, mas sempre com diálogos e compreensão. O que ele relatou de negativo seria o pouco tempo que temos para concluir o mestrado, sendo dois anos, acaba que sendo um ano para cumprir as disciplinas e um ano para pesquisa e escrita, como ele coloca uma corrida contra o tempo. Às vezes até queria mais, pensava mais, mas o tempo não dava essa alternativa. Já **Júlia** nos relata que na parte da escrita foi doloroso, no início se pesquisa a fez sentir certa empolgação, fez entrevista com professoras, participava de um grupo colaborativo, mas depois se viu sozinha e teve muitas dificuldades.

Um ponto positivo que vale reforçar, sobre as três trajetórias, foi no que se refere a permanência desses estudantes na vida acadêmica, um dos pontos cruciais revelado por eles foram os programas/projetos vivenciados ainda na graduação, com ênfase no PIBID, que não só proporcionou uma relação com a pesquisa, com a escrita, mas também um auxílio nas despesas, pois os três se deslocaram de suas cidades para estudar. Foi um grande aliado na trajetória dos mesmos.

Dito isso, antes de findar a conclusão no narrar dos sentidos e experiências de **Luís, Helena e Júlia**, cabe acrescentar que, entre tantas adversidades, os três entrevistados conseguiram finalizar suas dissertações e chegar à defesa de seus mestrados, o que anima essa mestranda que caminha agora para seu momento de defesa, em 31 de

julho de 2024, tendo alguns contratempos no percurso, mas com a certeza que valeu a pena passar por cada um deles. Aqui seguiu-se, também com um ponto de intersecção com as demais entrevistas, o apoio, incondicional, do Prof. Dr. Klinger Teodoro Ciríaco.

A partir desse momento a escrita das palavras finais da dissertação, nesta altura, tomará como base a escrita em primeira pessoa do singular. Peço licença!

O mestrado me proporcionou um mundo de descobertas, oportunidades únicas que ficarão marcadas para sempre na vida dessa futura mestra. Saída da zona de conforto, uma força que antes era desconhecida, uma visão de educação cada vez mais esperançosa, amizades verdadeiras, vínculos afetivos fortalecidos e muita vontade de continuar neste universo da pesquisa, que às vezes é dolorido sim, mas nos propicia novas oportunidades, vivências e realizações.

Olhando para trás, aquela mulher, mãe, trabalhadora que iniciara um curso de Pedagogia lá em 2017 na UFMS de Naviraí, carregando na bagagem apenas um sonho de se tornar educadora, hoje é outra mulher, com outros sonhos na mala, mas sem esquecer-se de onde vem e, com certeza, de onde quer ainda chegar, pois **o lugar da MULHER É ONDE ELA QUISER ESTAR!**

Através do mestrado descobri a verdadeira mulher que sou, nem imaginava o quão forte eu fui e ainda sou. Minha trajetória de vida, relatada no início dessa dissertação, me mostra isso, venci algumas batalhas para chegar até aqui, e isso só foi possível devido ao passo dado anos atrás.

Hoje vejo até a Matemática com "outros" olhos, eu que ingressei no mestrado com intuito de auxiliar meu filho nessa disciplina para ele temida. A cada oportunidade de ouvir, discutir Educação Matemática me passa esse filme na cabeça. Portanto, posso afirmar que a Matemática terá, a partir de agora, novo significado em minha vida, vejo nela oportunidades. Hoje não só auxiliar meu filho, mas apresentá-la para meus alunos de forma a encantar, aguçar, despertar neles o interesse e amor pela Matemática.

Em relação à pesquisa narrativa, a mesma me proporcionou, através das trajetórias de **Luís, Helena e Júlia**, uma reflexão acerca de minha própria trajetória até aqui, através das narrativas, reviver minhas lutas, angústias, solidão na fase da escrita, enfim, uma mistura de sentimentos que me fizeram rever alguns pontos e reafirmar outros como, por exemplo, a importância de sendo professora estar inserida em um grupo de estudos, grupo este que conta com estudantes, pesquisadores de diversos lugares do Brasil, grupo este que nos proporciona novas vivências a cada reunião, grupo este que discute nossos trabalhos que faz ecoar as vozes silenciadas, que oportuniza chances de sermos melhores,

a cada dia, em nossa trajetória escolar. Esse grupo que nos mantém confiantes em uma educação equitativa e mais justa, com pessoas que cuidam e amam pessoas, esse é o grupo "MANCALA".

Em síntese, nas últimas linhas dessas considerações finais, quero deixar registrado que, a perspectiva dessa mestrandia é continuar acreditamos que muito há para se aprender, mas que não se pode parar, seguir sempre com objetivo de ser cada dia melhor, não melhor que os outros, mas sim, melhor para si mesma e, assim, conseguir contribuir com os outros e com a educação de nossas crianças. Seguimos firmes, a luta é certa para que o luta educacional não venha!



## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. Tradução de Christina Baum. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. **Lei Maria da Penha: LEI Nº 11.340**, de agosto de 2006. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Acesso em: 22, ago. 2024.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. 2. ed. Tradução de Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

CAMPOS, Tiago Soares. "Maria da Penha". Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historia/maria-da-penha.htm>. Acesso em: 20, ago. 2024.

CIRÍACO, Klinger Teodoro; CAMELO, Valéria Nantes. A formação de futuros professores pela pesquisa: quais desafios? **Ensino & Pesquisa**, v. 14, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/ensinoepesquisa/article/view/771/598>. Acesso em: 20, maio. 2024.

CIRÍACO, Klinger Teodoro; MARIANO, Cristiana. Da licenciatura em Pedagogia à indução na docência: contribuições do PIBID. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, n. 28, p. 289-311, Set./Dez. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/9951>. Acesso em: 21, jun. 2024.

CORNELO, Camila Santos; SCHNECKENBERG, Marisa. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência–PIBID: trajetória e desdobramentos. **Jornal de Políticas Educacionais**, v. 14, 2020. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-19692020000100134&script=sci\\_arttext](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-19692020000100134&script=sci_arttext). Acesso em: 15, maio 2024.

FERNANDES, Gisele Cristina Manfrini et. al. Análise de narrativas autobiográficas de Fritz Schütze aplicada à pesquisa em enfermagem. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 26, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Vn5rJdvr33VbpnMq6jjqkZC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30, jul. 2023.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares; COTTA, Maria Amélia de Castro; SANTOS, Marisa Aparecida Pereira. Ética em Pesquisa Científica: conceitos e finalidades. **São Paulo: Núcleo de Educação a Distância da Unesp**, 2014. Disponível em: [https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155306/1/unesp-nead\\_reei1\\_ei\\_d04\\_texto2.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155306/1/unesp-nead_reei1_ei_d04_texto2.pdf). Acesso em: 28, ago. 2023.

GATTI, Bernardete Angelina. Formação de professores: condições e problemas. **Revista Internacional de Formação de Professores**, p. 161-171, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/R5VNX8SpKjNmKPxxp4QMt9M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28, ago. 2023.

GERMANO, Idilva Maria Pires. Aplicações e implicações do método biográfico de Fritz Schütze em psicologia social. *In: Encontro Nacional da ABRAPSO*, 15, 2009, Maceió. **Anais ...** Maceió: ABRAPSO, 2009. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/28099/1/2009\\_eve\\_impgermano..pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/28099/1/2009_eve_impgermano..pdf). Acesso em: 21, jul. 2024.

JUNG, Karen Maria. **A pesquisa na formação do professor**. 2017. Disponível em: [http://euler.mat.ufrgs.br/~vclotilde/disciplinas/pesquisa/texto\\_Jung.pdf](http://euler.mat.ufrgs.br/~vclotilde/disciplinas/pesquisa/texto_Jung.pdf). Acesso em: 15, abril. 2024.

LUCINDO, Nilzilene Imaculada; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de. O papel da pesquisa na formação inicial dos pedagogos: desafios e avanços nas discussões atuais. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v.14, n. 28, p. 151-172, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/11579>. Acesso em: 15, maio 2024.

MARIANI, Fábio; MATTOS, Magda. CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. **Educação Pública**. Cuiabá, v. 21, n. 47, p. 663-667, set./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1766/1329>. Acesso em: 10, maio 2024.

MASLOWSKI, Adriano André; MARTINS, Andressa Tauane Vieira. Feminismo e educação: caminhos e desafios na busca de equidade. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 12, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/2645/1890>. Acesso em: 20, jul. 2024.

MEDEIROS, Elita de; MAINARDES, Jefferson. CÓDIGO DE ÉTICA. **American Educational Research Association—AERA** (Associação Americana de Pesquisa Educacional). **Práxis Educativa**, v. 12, n. 3, p. 1041-1065, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/894/89462648021/html/#:~:text=O%20C%C3%B3digo%20de%20C3%89tica%20AERA,examinar%20atividades%20di%C3%A1rias%20do%20profissional>. Acesso em: 28, ago. 2023.

MACARATO, Adair, Mendes; PASSOS, Cármen Lucia Brancaglioni; SILVA, Heloisa da. Narrativas na pesquisa em Educação Matemática: caleidoscópio teórico e metodológico. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, v. 28, p. 701-716, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/GLsVPRsXztTHH3yngYdg6nc/?format=pdf>. Acesso em: 28, ago. 2023.



OLIVEIRA, Anandra Santos Ribeiro de; NOGUEIRA, Marlice de Oliveira. Longevidade escolar em alunos de camadas populares: fatores explicativos do fenômeno em estudos brasileiros. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, MG. v. 10, p. 1-15, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/download/7097/5510/44195>.

Acesso em: 15, abr. 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. *Revista brasileira de linguística aplicada*. 8 (2), p. 1-6, 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 15, abr. 2024.

REDE D'OR. **Covid-19**. São Luiz. Disponível em:

<https://www.rededorsãoluiz.com.br/doencas/covid-19>. Acesso em: 29, ago. 2023.

SALES, Edriene Cristine da Silva Santos; ROSIM, Daniela; FERREIRA, Vicente da Rocha Soares; COSTA, Sérgio Henrique Barroca. O programa de apoio a planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI): uma análise de seu processo de avaliação. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 24, n. 03, p. 658-679, nov. 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/aval/a/TwXXdzXm9X9YFy7kkFdYYSn/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 20, jun. 2024.

SILVA, Cheila Portela; DIAS, Maria Socorro de Araújo; RODRIGUES, Angelo Brito. Práxis educativa em saúde dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, p. 1453-1462, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/sCmzjzFMTFkwM69zQV6HvHz/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 28, ago. 2023.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, V.; PFAFF, N. (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis (RJ): Vozes; 2010. p. 211-22.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. *Horizontes*, v. 33, n. 2, 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/14>.

Acesso em: 30, jul. 2023.

TEDESCHI, Sirley Lizott; PAVAN, Ruth. A produção do conhecimento em educação: o Pós-estruturalismo como potência epistemológica. *Práxis Educativa*, v. 12, n. 3, p. 772-787, 2017. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/9314/5607>. Acesso em:

15, maio 2023.

VARGAS, Alice. A aplicabilidade da lei Maria da Penha: Uma análise da sua efetividade considerando os meios de prova admitidos. Disponível em:

<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1955/1/Alice%20Vargas.pdf>. Acesso em:

em: 20, ago. 2024.

VAZ, Telma Romilda Duarte. **Para Além dos Nascidos em Berço Esplêndido** – Narrativas Docentes sobre o Trabalho do Professor no Campo das Políticas de Ações Afirmativas na UFMS. 2018. 326f. Tese (Doutorado em Educação) – UNESP, Faculdade de Ciências e Tecnologia – campus de Presidente Prudente, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/c2559b77-75ec-4879-b25a-979067b61fdd/content>. Acesso em: 10, maio 2023.

VAZ, Telma Romilda Duarte. Desdobramentos teórico-metodológicos da pesquisa narrativa biográfica e sua análise em Fritz Schütze. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari; VAZ, Telma Romilda Duarte; JOSÉ, Gesilane de Oliveira Maciel. (Orgs.). **Narrativas (auto)biográficas em diálogos: políticas, formação e práticas**. CRV: Curitiba, 2019. p.55-72.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista brasileira de educação**, 2006, 11: 226-237. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wVchYRqNFkssn9WqQbj9sSG/>. Acesso em: 20, maio 2024.